

Revista

FUTURO DO PRETÉRITO

JUL. 2021 • VOL. 3 • NÚM. 2

FEUSP

educação
transformação

Formação
continuada

10 opções de
carreira na
educação

Comissão de Pós-
Graduação

educadora
inspiradora

Conheça a trajetória da
funcionária Solange
na FEUSP

**EDUCAÇÃO E
CARREIRA**

ISSN 0026-7546



9 770026 754553

DEDICATÓRIA

Em memória de Valmir Osteti, pai de Giulianna R. Osteti (Vice-Direção Editorial) e Giovanna R. Osteti (Revisão).

Valmir (1975-2021) foi um dos principais apoiadores da revista desde o início, além de ter ajudado diretamente na promoção de atividades de cultura e extensão protagonizadas por estudantes da FEUSP. À família e amigos, nossos profundos sentimentos.

Esposo, pai de três filhas, ele estará sempre presente em um lugar muito especial da memória dos estudantes da revista Futuro do Pretérito da FEUSP e de todas as pessoas que tiveram a oportunidade de conhecê-lo.

Valmir foi uma das mais de 530 mil vidas perdidas para a Covid-19 no Brasil.

Futuro do Pretérito (revista estudantil da FEUSP)

ISSN: 2675-455X

Núm. 2 - Vol.3- Jul. 2021

Publicação eletrônica (divulgação)

Quadrimestral

Imagem da capa

Solange Cleide Francisco

(Créditos: arquivo pessoal de Solange Cleide Francisco)

Direção Editorial

Millena Miranda Franco (FEUSP)

Vice-direção Editorial

Giulianna Ramalho Osteti (Alumni FEUSP)

Conselho Editorial

Maria José Iachinski (FFLCH/USP)

Marina Grilli (FEUSP)

Raissa Lelis Tenório Flor (FEUSP)

Rani Beatriz Cruz Evangelista dos Santos (FEUSP)

Sabrina Ferrazoni Superibi (FEUSP)

Revisão

Ana Flávia Martin (IFSP)

Carolina Hartfiel Barroso (FFLCH/USP)

Daniela Oliveira Soares (FEUSP)

Fabiana do Amaral Godioso (FEUSP)

Giovanna Ramalho Osteti (IFSP)

João Vitor de Andrade Souza (FFLCH/USP)

Júlio César da Silva Mendes (FFLCH/USP)

Leila Santana Passos (FEUSP)

Luiza Ferreira de Oliveira Santos (Alumni FEUSP)

Luiza Tofoli dos Santos (FFLCH/USP)

Mariana Silva Evangelista (FEUSP)

Pyetra Stephannie Rodrigues Costa (FEUSP)

Rodrigo Ramalho Souza (IFSP)

Diagramação

Beatriz Marques Paiva (FEUSP)

Kesia Caroline Ferreira de Abreu (FEUSP)

Lorrana Cerezer Guimarães (FFLCH/USP)

Mariana Peixoto Alves (FFLCH/USP)

Melissa Iglesias Alonso (FEUSP)

Assessoria de Imprensa e Comunicação

Beatriz Hitos Silva (FEUSP)

Camila Penna de Lima (FEUSP)

Nathalia Rodrigues Pinheiro (Alumni FEUSP)

Colaboração

Comunicação e Mídia da FEUSP

Direção da FEUSP

Universidade de São Paulo

Reitor: Prof. Dr. Vahan Agopyan

Vice-reitor: Prof. Dr. Antonio Carlos Hernandez

Faculdade de Educação

Diretor: Prof. Dr. Marcos Garcia Neira

Vice-diretor: Prof. Dr. Vinicio de Macedo Santos

Avenida da Universidade, 308

Cidade Universitária - Butantã

05508-040 - São Paulo - Brasil

Escreva para a revista Futuro do Pretérito:

revista.futuro.preterito@gmail.com

Conheça nossa página no site da FEUSP:

<https://www4.fe.usp.br/futurodopreterito>

Fone:

[+55 11 9 7240-1450](tel:+5511972401450)

• As opiniões, hipóteses, conclusões e recomendações expressas neste material são de responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a visão do corpo editorial da revista Futuro do Pretérito.

• Visando a uma comunicação inclusiva e respeitosa com a identidade de gênero dos leitores, a revista adota o uso da linguagem neutra.

Revista

FUTURO DO PRETÉRITO

FEUSP

ISSN 0026-7546



9 770026 754553

• SUMÁRIO •

APRESENTAÇÃO

Estamos muito felizes por estar aqui! Esta é a primeira revista feita por estudantes na história da FEUSP! Saiba mais...

05

06

10 CAMINHOS PARA A LICENCIATURA

Conheça 10 opções de carreiras para profissionais que estão se formando para dar aulas.

PERGAMINHO DO TEMPO
Conheça a inspiradora trajetória da educadora Eunice Caldas.

10

14

RELATOS

>> Como a educação pode transformar o mundo?
As crianças respondem!

17

CIÊNCIA E TECNOLOGIA

>> Apresentação, 17.

>> Conversa com quem manja, 18.

>> Artigos, 24.

35

BIOGRAFIA

Conheça a trajetória de
Solange Cleide
Francisco, funcionária
da FEUSP.

48

HORA DA DESPEDIDA

Entre para o nosso time!
A revista é sua!

34

SETORES

A importância da
Comissão de Pós-
Graduação para nossa
vida na FEUSP.

40

FIQUE DE OLHO

Fique por dentro dos
principais eventos e
atividades formativas do
momento!

APRESENTAÇÃO

A "FUTURO DO PRETÉRITO" CONTINUA EM 3,2,1...

A Futuro do Pretérito é uma revista eletrônica de divulgação produzida na Faculdade de Educação da USP e um tributo à ciência e à história. Nosso objetivo é que ambas se tornem mais acessíveis ao maior número possível de pessoas, a saber, estudantes, funcionáries, docentes e comunidade externa. Seu nome, que faz referência ao tempo verbal que expressa imaginação e questionamento, remete à tentativa de valorização do passado em tempos presentes, e à capacidade desta sintonia de formular perspectivas e aspirações mais conscientes para o futuro.

Construída por mãos e olhares pautados nesses ideais, a revista busca subverter a lógica do esquecimento, lançando luzes para que sujeitos e tempos não sejam apenas verbais, mas históricos. Na história da Faculdade de Educação, nossa revista é a primeira a ser feita por estudantes. Temos muito orgulho disso, e estamos cientes da responsabilidade assumida; por essa razão, nos esforçamos ao máximo para oferecer um trabalho sempre questionador e de excelente qualidade.

Pensando na democratização da popularização da ciência e tecnologia, nossa revista atualmente recebe artigos científicos produzidos por estudantes da licenciatura, graduação e pós-graduação, funcionários e comunidade externa, o que propicia oportunidades e incentivo para quem escreve, bem como oportuniza reflexões e acesso a debates educacionais mais recentes para nossos leitores.

Do ponto de vista da cooperação internacional, a Futuro do Pretérito tem fortalecido relações com estudantes editores da revista estudantil *Creative Network* (Faculdade de Educação da Universidade de KwaZulu-Natal, África do Sul), elaborando coletivamente uma nova agenda de debates que ocorrerão ao longo do ano de 2021.

Para continuidade dos trabalhos, esta edição tem como tema central "Educação e Carreira". Nosso objetivo foi trazer reflexões e mostrar possibilidades menos convencionais para quem se forma nos cursos de licenciatura. Desta forma, mostraremos que, para além da possibilidade de atuação na Educação Básica, muitas são as oportunidades de carreira na sociedade. Agradecemos sua atenção e desejamos uma ótima leitura!

Agradecemos sua atenção e desejamos uma ótima leitura!

10 CAMINHOS PARA A LICENCIATURA

Por: Rani Beatriz Evangelista

No *10 coisas* desta edição falaremos sobre dez caminhos possíveis para pessoas que se formam em pedagogia ou em outras licenciaturas!

1

EDUCAÇÃO BÁSICA

Para ser docente no ensino superior, não é necessário ter formação em licenciatura: qualquer profissional pode seguir essa carreira, desde que possua pós-graduação. No entanto, é uma alternativa para quem deseja lecionar, mas não na educação básica.

Essa é provavelmente a opção de carreira mais conhecida e mais seguida por pessoas que se formam em alguma licenciatura. A educação básica compreende a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio, e pode ser oferecida em escolas regulares, escolas do campo, escolas quilombolas ou escolas indígenas. Pedagogues podem atuar na educação infantil e nos primeiros anos do ensino fundamental (1º ao 5º ano). Já formades em outras licenciaturas podem atuar nos anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) e no Ensino Médio.

2

ENSINO SUPERIOR

3

EDUCAÇÃO ESPECIAL

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade da educação que atende pessoas que não puderam frequentar a escola na idade esperada. A EJA é oferecida nos formatos do Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Sendo assim, tanto pedagogues quanto pessoas licenciadas podem se dedicar a essa modalidade.

A educação especial é uma modalidade de ensino escolar oferecida para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da Educação Nacional orienta que a educação especial seja oferecida preferencialmente na rede regular de ensino; sendo assim, docentes da educação básica lidam com esse público. Contudo, profissionais da educação podem também se especializar na área, inclusive atuando em espaços não escolares.

4

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Apesar de ser uma modalidade desconhecida por muitas pessoas, o ensino hospitalar cumpre um papel muito importante na garantia do direito à educação: ele garante que crianças e adolescentes hospitalizados possam desfrutar de alguma forma de recreação e possam acompanhar o currículo escolar. Uma vez que atende crianças e adolescentes – ou seja, compreende toda a educação básica, – a educação hospitalar pode ser uma opção de carreira tanto para quem se forma em pedagogia, quanto para quem se forma em outras licenciaturas.

5

EDUCAÇÃO HOSPITALAR

6

EDUCAÇÃO PRISIONAL

A gestão escolar é outro caminho possível para aquelas pessoas que se formam em licenciaturas ou pedagogia e gostariam de atuar em escolas, mas não querem se dedicar à docência. A gestão compreende os cargos da direção e coordenação escolar. A pessoa que se forma em pedagogia é habilitada a ocupar essas posições. Quem se forma em outras licenciaturas, no entanto, necessita de uma pós-graduação, também em educação, para se tornar habilitado.

A educação prisional está prevista na Lei de Execução Penal (Lei nº7210/1984) e garante instrução escolar e formação profissional às pessoas presas ou internadas. O ensino fundamental é obrigatório, e a oferta do ensino médio, por sua vez, não é. Esta, porém, pode ser oferecida, visando sua universalização. Assim sendo, pessoas formadas em pedagogia e em outras licenciaturas podem atuar nessa modalidade de ensino.

7

GESTÃO ESCOLAR

A atuação das pessoas que se formam em pedagogia ou outras licenciaturas pode se dar também fora do espaço da escola. Isso pode ocorrer em Organizações Não Governamentais (ONGs), em espaços de cultura e de divulgação científica, como museus, ou em espaços de trabalho, como empresas e sindicatos, entre outros.

8

EDUCAÇÃO NÃO ESCOLAR



PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS

A área de pesquisa acadêmica não é exclusiva para licenciandos: qualquer pessoa com ensino superior pode seguir esse caminho. Além da graduação, para essa carreira é necessário dar continuidade à formação acadêmica, obtendo mestrado e doutorado. Além disso, para consolidar-se enquanto pesquisador acadêmico, é preciso publicar trabalhos e artigos.

A formação em pedagogia deve conter disciplinas que possibilitem o conhecimento das políticas públicas educacionais – ao contrário dos cursos de licenciatura, que nem sempre contam com esse tipo de discussão na grade curricular. Por essa razão, enquanto as pessoas que se formam em pedagogia estão habilitadas para determinados cargos públicos com esse viés, as pessoas formadas em outras licenciaturas normalmente necessitam de uma pós-graduação em educação.

10

PESQUISA ACADÊMICA

REFERÊNCIAS

BRASIL. LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.

BRASIL. Lei nº 7.210 de 11 de julho de 1984. Institui a Lei de Execução Penal. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7210.htm

BRASIL. Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de maio de 2006. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf

Pergaminho do tempo

Eunice Peregrina de Caldas: redescobrimo a trajetória de uma educadora brasileira [1]

Por: Sabrina F. Superibi

“Quem pode medir o fogo e a violência do coração de um poeta quando capturado e enredado no corpo de uma mulher?” (Woolf, Virginia, 1928)[2].

Em uma série de palestras que posteriormente seria transformada em livro, a escritora inglesa Virginia Woolf buscou demonstrar que, na época de Shakespeare, nenhuma mulher poderia ter escrito os textos que ele escreveu, haja vista que ela jamais seria mandada para a escola ou poderia aspirar a algo diferente que o destino determinado para uma mulher de sua época.

Para isso, inventou uma irmã fictícia para o famoso dramaturgo inglês, Judith, que teria a mesma inclinação e sensibilidade para a escrita que o irmão, mas que, por triste acaso da natureza, teria nascido no corpo de uma mulher em plena passagem para o século XVII.

A irmã fictícia de Shakespeare, no livro de Virginia, acabaria com a própria vida e a autora encerraria a sua aparição na história com o questionamento com o qual abrimos esse artigo e a partir dele gostaríamos de iniciar a coluna Pergaminho do Tempo desta edição: como a sociedade em que vivemos e as questões históricas mais imediatas de nosso tempo interferem na nossa atuação sobre essa mesma sociedade na qual estamos imersos?

Nesta edição da Futuro do Pretérito, que se debruça em reflexões sobre educação e carreira, apresentamos um pouco da biografia de Eunice Peregrina de Caldas, educadora, escritora, fundadora de escolas e associações em prol da igualdade de direitos educacionais de mulheres e meninas, além de diretora de escola, viveu e atuou – dentro e fora das salas de aula – ao longo da chamada Primeira República Brasileira (1889-1930).

Irmã mais nova do conhecido cientista, pesquisador, criador do soro antiofídico e primeiro diretor do Instituto Butantan, Vital Brasil, Eunice teve um destino diferente do irmão: seu legado foi condenado ao apagamento, realidade a qual apenas muito recentemente tem se transformado e sua contribuição para a História da Educação Brasileira, redescoberta.

Nascimento, família e infância



(Foto de Eunice Caldas aos 14 anos, p.26). Acervo de Rosa Esteves

Nascida em 13 de novembro de 1879, Eunice Caldas foi a caçula de oito filhos do casal Mariana Carolina Pereira de Guimarães e José Manoel dos Santos Pereira Júnior. Seus pais não batizaram nenhum dos oito filhos com os seus respectivos sobrenomes, mas criaram um particular para cada um deles, a depender de seu local de nascimento.

Assim, Eunice, que nascera em Caldas – MG, mas com poucos meses de vida se mudaria com a família para Guaxupé – MG, ficou sendo Eunice Peregrina de Caldas. Irmã mais nova do médico, pesquisador e cientista brasileiro, Vital Brasil Mineiro de Campanha, que se tornou mundialmente conhecido pelo seu trabalho no Instituto Butantan, onde descobriu no ano de 1903 o soro antiofídico.



(Foto de Eunice com a família p. 29 da tese referenciada em "Para saber mais") Legenda: De pé: Oscar Americano, Maria da Conceição (esposa de Vital Brazil), Vital Brazil, Iracema, Judith, Acácia e Fileta. Sentados: os pais Mariana Carolina e José Manoel, Eunice (com doze anos de idade e segurando um livro) e Maria Gabriela. Ano de 1892. Acervo de Rosa Esteves.

Eunice passara a infância em Minas Gerais, até partir junto de sua família para o Rio de Janeiro. Foi nesse estado que a educadora teve sua primeira experiência formal de

escolarização, no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro que, no ano de 1881, abre suas portas e começa a receber mulheres em seu grupo de alunos, embora não para todos os cursos, uma vez que a ideia de igualdade entre homens e mulheres estava longe de ser cogitada.

Importante contextualizar que, com a proclamação da República no ano de 1889, ocorreu uma onda de efervescência cultural que se traduziu também como certo entusiasmo pela educação. O Brasil desse momento de transição do Império para a República era bastante influenciado pelas noções de progresso e desenvolvimento importadas, sobretudo, da França. Almejar a construção de uma nação moderna seria também assumir a importância do papel da educação como condição necessária para a transformação da sociedade e formação da classe dirigente do país recém tornado República.

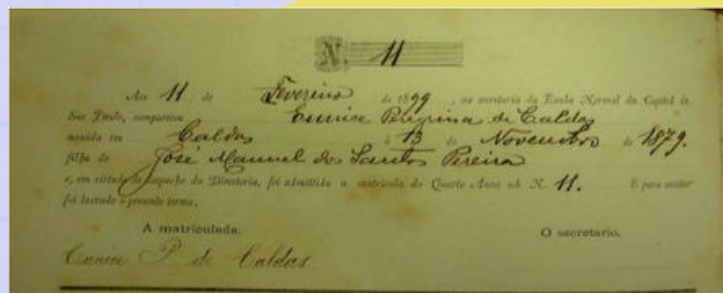
Nesse contexto, a ideia de uma educação para todos foi adentrando o debate público brasileiro e a educação se tornando um dos pilares que sustentariam a construção do Brasil moderno. As mulheres seguiam paulatinamente ingressando no magistério, encarado como uma vocação que, sobretudo nas atribuições que cabiam à professora primária, pareciam dialogar plenamente com suas atribuições típicas do lar, do casamento e do cuidado com as crianças.

O ano de 1895: a matrícula no Curso Normal da Escola Caetano de Campos

Eunice Peregrina de Caldas, então com 16 anos de idade, foi aluna no Curso Normal da Escola Caetano de Campos[3], localizada no famoso edifício da Praça da República em São Paulo.

A Escola Normal Caetano de Campos foi a primeira Escola Normal a ser inaugurada na cidade de São Paulo, no ano de 1846, e tinha como sua missão institucional a formação de professores primários, haja vista a necessidade cada vez mais crescente de formação de professores.

Dentre as disciplinas que eram oferecidas no Curso Normal, havia caligrafia, gramática e língua portuguesa, aritmética, noções básicas de geometria e lógica. As turmas variavam entre 11 e 21 alunos matriculados a cada ano. Foi a partir do ano de 1875, que as alunas do sexo feminino foram admitidas a frequentar o Curso Normal. Temporariamente, e devido à falta de verba para manutenção do prédio principal, o Curso Normal funcionava em uma ala da Faculdade de Direito do Largo do São Francisco.



(Foto da folha da matrícula de Eunice Caldas na Escola Caetano de Campos, p. 33)

No ano de 1899, após quatro anos no Curso Normal, Eunice Peregrina de Caldas se formava no Curso Normal Secundário Profissional da Escola Caetano de Campos. Cerca de três anos depois, assumiria o cargo de diretora em um importante grupo escolar na cidade de Santos – SP, algo bastante inédito para uma mulher à época.

O ano de 1902: a tomada de posse como diretora no grupo escolar “Dr. Cesário Bastos”, na cidade de Santos – SP:

Em maio de 1902, Eunice Caldas assume o cargo de diretora do grupo escolar Dr. Cesário Bastos, em Santos. Importante mencionar que o cargo para as direções dos grupos escolares até então era bastante atrelado à figura masculina, algo comum para os cargos administrativos no geral. Isso até o dia em que Eunice Caldas fora nomeada no estado de São Paulo para assumir esse cargo, no qual permaneceria até 1908 quando, por influência de seu irmão, o médico e pesquisador Vital Brasil, retornaria para São Paulo.

Setembro de 1908: a indicação para o cargo de professora normalista na escola do então Instituto Serumtherapico do Butantan

Em 26 de setembro de 1908, Eunice é nomeada professora normalista da escola isolada mista noturna do Instituto Serumtherapico do Butantan que, mais tarde, se tornaria o Grupo Escolar Rural do Butantan [4].

O Instituto Butantan, instalado em 1899 para contribuir nas pesquisas e produção de soro para um surto de peste bubônica, que teve início em Santos, teve como primeiro diretor o irmão mais velho de Eunice Caldas, Vital Brasil. O Instituto iniciou as suas atividades contando com funcionários advindos de famílias residentes no local, o que acabou contribuindo para a necessidade de instalação de uma escola para atender adultos e crianças das famílias de funcionários da instituição, haja vista a difícil localização da Fazenda onde o Butantan se localizava em relação ao centro da cidade. Eunice permaneceu na escola até o ano de 1919, ano em que seu irmão se aposenta da direção

do Instituto Butantan.

1916: O ano da inauguração do Collegio Eunice Caldas na RUA da Liberdade em SP

No ano de 1916, três anos antes de encerrar as suas atividades como professora na Escola Rural do Butantan, Eunice Caldas esteve à frente da criação de um colégio de educação feminina, localizado à Rua da Liberdade, em São Paulo.

Há um anúncio do jornal santista *A Tribuna* de 1916 que, ao divulgar a abertura da matrícula para o colégio, permite-nos antever um pouco como a educação vinha sendo pensada e as perspectivas que estavam em voga nessas primeiras décadas do século XX com relação à educação.



p. 42 (foto do anúncio do jornal *A Tribuna* a respeito da abertura de matrículas para o Collegio Eunice Caldas)

Havia nessa primeira metade do século XX no Brasil o desdobramento de ideias que, desde o século XIX e bastante influenciadas por pensadores europeus, apregoavam que a instrução da sociedade em geral e das classes desfavorecidas em específico resultaria em uma nova civilização, moderna e afeita aos ideais do que se pressupunha como hábitos saudáveis de higiene e disseminadores de uma nova conduta de disciplina e ideais civilizatórios.

Sobretudo no Brasil, país recém saído de uma longa história de colonização, com o fim da monarquia e a proclamação da República em 1889, a educação foi sendo paulatinamente cooptada como espaço para a difusão dessas ideias eugenistas e de ideais de formação de uma nova sociedade, que estavam sendo introduzidas no Brasil.

Eunice Caldas viveu nesse contexto, formou-se educadora e atuou como professora exatamente quando as correntes dessas ideias eugenistas e civilizatórias estavam muito em voga nos debates sobre educação no país. Tal fato ecoou em suas ações como educadora, norteou o seu caminho e a sua trajetória enquanto docente, ao mesmo tempo em que também foi influenciada por essa sociedade na qual ela atuou. Essa influência moldou o destino da educadora e também o que se escolheu legar à posteridade.

Diferentemente de seu irmão cientista e tido como “genial”, Eunice Caldas teve sua história relegada ao esquecimento e apenas muito recentemente tem sido redescoberta, ainda que de forma bastante discreta,

e sua trajetória passa a ser reconsiderada.

Uma educadora para além das salas de aula: uma vida em prol da atuação pela educação feminina

Ao tomarmos contato com a trajetória de Eunice, percebemos que ela foi uma educadora que atuou dentro e fora das salas de aula para que a educação, sobretudo a educação das meninas, pudesse ser um direito a elas garantido e que a mulher tivesse a possibilidade de elevação social e igualdade na sociedade, por meio do acesso à educação.

A rede de sociabilidade de Eunice a coloca no rol das feministas e mulheres letradas mais influentes da Primeira República (1889-1930), porém, seu legado ainda é muito pouco conhecido e estudado. Acreditamos que contar a sua história e reconhecer a sua importância implica fazer jus a uma mulher, educadora, que atuou dentro e fora das salas de aula, para que seu ideal de educação pudesse ser levado à cabo.

Muito além de sacralizar sua trajetória como heroína ou de colocá-la como vítima de circunstâncias de sua época, pretendemos, dentro do que nos é possível nessa coluna, apresentar historicamente o percurso de uma mulher que atuou, moldou e foi moldada pela realidade específica da sociedade da qual fez parte.

Eunice teve contato com diversas feministas militantes de seu tempo, tais como Maria Lacerda de Moura, Ana de Castro Osório, Anália Franco e Anna Amália de Villalobos Galheto, esta última, famosa sufragista, professora e escritora portuguesa que viveu no Brasil. Tão próxima era a relação de Eunice e Anna que, a partir do ano de 1913, Eunice passou a exercer a função de preceptora das três filhas da sufragista, com idades entre 9 e 11 anos.



p. 49 (imagem de Eunice e Anna Galheto em Santos - Acervo de Ana Glória)

Eunice Peregrina de Caldas representa as adversidades e contradições do que vivenciou uma mulher no começo do século XX. Foi professora, escritora, fundadora e diretora de escolas, além de ter fundado associações femininas, a exemplo da filial da cidade de Santos da Associação Feminina Beneficente e Instrutiva de São Paulo[5], criada por Anália Franco em 1901. Tal associação foi responsável pela criação, no estado de São Paulo, de entidades como escolas, asilos, creches, liceus e tinha como principal missão o acolhimento de crianças abandonadas e órfãs e também de mães solteiras.

Os anos finais: lacunas, impasses, a internação em hospitais psiquiátricos e o apagamento de sua trajetória

No dia 21 de fevereiro de 1930, Eunice Caldas é internada no Hospital Psiquiátrico Pinel, em Pirituba - SP. As razões dessa primeira internação são muito mais sociais do que de saúde. Não era incomum que mulheres tidas como fora dos padrões considerados normais para a época acabassem entregues a sanatórios e, em São Paulo, muitas mulheres acabaram tendo destino semelhante ao de Eunice, em locais como o Hospital Psiquiátrico do Juquery e o Pinel.

Eunice nunca se casou, não teve filhos e sempre foi uma mulher bastante atuante na sociedade em que viveu, atribuição dada como exclusivamente masculina para a época. Ao envelhecer, era comum que os membros homens das famílias entregassem, para a internação, as mulheres que consideravam mentalmente desequilibradas, seja porque não seguiram o caminho tido como natural para elas, como casar, serem donas de casa, esposas e mães comprometidas, seja por considerarem que seu comportamento estaria em desacordo com os padrões tidos como desejáveis para o sexo feminino na época.

No ano de 1944, com o fechamento do Pinel, Eunice é transferida para o Sanatório Bela Vista, em São Paulo, local onde passaria os anos finais de sua vida, até 1967, quando faleceu no dia 31 de julho.

Em um de seus prontuários transcritos para o Sanatório Pinel, documentação hoje pertencente ao Acervo Público do Estado de São Paulo, consta:

“Muito inteligente, estudou na Escola Normal, onde se salientou, recebendo sempre os maiores elogios, que a tornaram orgulhosa. E realmente os merecia, pois três anos após sua formatura, foi nomeada diretora de

grupo escolar em Santos”.

Após 37 anos de uma vida reclusa entre um sanatório e outro, Eunice veio a falecer, sozinha, alheia ao mundo no qual tanto atuou e lutou para transformar. Encerramos nossa coluna com um trecho do poema “Transformações”, de autoria da educadora aqui biografada:

**“Eu quero solitária aqui viver,
Indiferente ao mundo
Onde já não estou.
Os males lá são tantos que morrer
Prefiro; e indiferente
Minh’ alma se tornou”.**

Notas:

[1] As datas históricas e fotografias aqui reproduzidas foram retiradas da seguinte dissertação de mestrado sobre Eunice Caldas: <<https://tede.unisantos.br/handle/tede/143>>. Acesso em 21 de maio de 2021.

[2] O livro citado de Virginia Woolf: Um teto todo seu. Círculo do livro:1990.

[3] Sobre o Curso Normal da Escola Caetano de Campos: <<http://lemad.fflch.usp.br/node/5336>>. Acesso em 21 de maio de 2021.

[4] Sobre O Grupo Escolar Rural do Butantan: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-31072017-164756/publico/ARIADNE_LOPES_ECAR_rev.pdf>. Acesso em 21 de maio de 2021.

[5] Sobre a Associação Feminina Beneficente e Instrutiva, criada por Anália Franco e Eunice Caldas: <<https://www.fcc.org.br/pesquisa/educacaoInfancia/EducacaoInfancia.abrirTopico.mtw?idTopico=1>>. Acesso em 21 de maio de 2021.

RELATOS

Como a educação pode transformar o mundo? As crianças respondem!

A presente edição é especial! Pela primeira vez, trazemos relatos de crianças em relação à educação e suas vivências escolares e extra escolares.

Para isso, agradecemos ao Colégio Aplicação e ao Colégio Nossa Senhora dos Remédios, ambos de Osasco, que incentivaram, através de concursos, essa linda contribuição! Em especial, agradecemos à professora Carina pela mediação entre sua escola e FP. A presente seção não seria possível sem a contribuição do fazer pedagógico de Aurea, Carina, Janaína, Jaqueline, João, Lidiana e Simone, que possibilitaram a escrita dos textos a seguir, bem como das coordenadoras Ana Paula e Janaína. Agradecemos às crianças por sua essencial participação através da escrita e desenhos!



Arthur



Davi



Thor



Yasmin



Nicolle



Sophia

O Poder da Educação

Quantas pessoas incríveis, com lições de vida dignas de inspirar dezenas, mas que não tiveram a oportunidade de contar suas histórias, você conhece? Eu posso citar vários exemplos aqui, diversas pessoas que, mesmo sem terem ido à escola, aprenderam da forma mais dolorosa sobre como nossa realidade funciona. Todas elas foram vítimas do mesmo mal: a privação do estudo. Ter estudo é ter vez, é ter oportunidade de fazer ouvir seus interesses, é ter o poder de mudar a sua volta, revolucionar seu bairro, o seu estado, o seu país, o mundo.

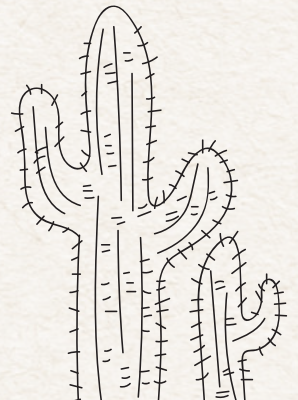
Por isso, tirar a educação de um povo é a pior arma contra a sociedade, limitar o conhecimento de um povo é uma forma lenta e efetiva de destruí-lo. É o equivalente a limitar suas mentes, é cegar aos problemas e também às soluções, é calar a voz, é atar as mãos.

É preciso lutar por esse direito tão fundamental, que é o estudo, pois, só assim, todos terão a oportunidade de contar suas próprias histórias, de realizar suas próprias mudanças, de ter consciência de seu lugar no mundo como seres independentes e como sociedade. Educação é resistência.

Laura Aparecida Brisola de Matos Figueiredo

Do nordeste, eles vieram.
Um filho aqui tiveram.
Para a escola, eles o mandaram.
Com trabalho forçado, eles não prosperaram.
Na escola, ele estudou.
Ele cresceu e, na faculdade, chegou.
Lá, outros como ele, encontrou.
E, juntos, uma ideia vingou.
Na comunidade, um projeto surgiu.
Aulas de música na favela para quem nunca ouviu
Entre morros e violões,
Um menino surgiu
E o mundo conquistou
E outros como ele ajudou.

Juliana Moura Fidelis



Meu mundo


Com a educação escolar eu aprendi a ler, escrever, fazer contas e interpretar temas e textos que a professora sugere. Também aprendi a fazer amigos e a conviver.

Com a educação extra escolar eu aprendi a respeitar, jogar o lixo no lixo, andar, comer, falar, ouvir sem interromper, respeitar os animais, os lugares de outras pessoas e o meio ambiente, coisas que a minha família ajuda muito.

E aprendendo tudo isso, o meu mundo se transformou.

Seria muito melhor se todos tivessem essa oportunidade que eu tenho, de poder ir para a escola, ter uma família para me ajudar nos momentos difíceis, fazer amigos e aprender com eles. Porque é assim que o meu mundo se transforma e eu gostaria que o mundo de todos fosse assim.

Desiree Maranini Reis



Minha mãe diz que a educação é a única coisa que pode salvar o Brasil. Ela também diz que países ricos (como Japão, Suíça, Noruega etc.) valorizam a educação acima de tudo.

Eu acho que sim. Os conhecimentos da escola e extra escolar podem transformar o mundo de um jeito absurdo, pois irão ajudar nas profissões/trabalhos no futuro, entender notícias (ser crítico), compreender livros, histórias, palavras e conceitos difíceis. E também para mudar o futuro, pois na nova geração, que será das crianças, todas já foram à escola e aprenderam a ser melhores, ter empatia, ser gentil, educado e resiliente.

O mundo será melhor, pois todos cuidarão da natureza e dos outros.


Agora falando sobre como a educação mudou meu mundo: sinceramente, mudou muita coisa, apesar de ser criança. Minha escola é o Colégio Nossa Senhora dos Remédios e lá já aprendi várias coisas, é uma escola muito correta, os professores chamam atenção, mas sei que é para nosso bem.

Na escola aprendi o que é ser resiliente, gentil e amigo ajudando os outros. Também aprendi mais sobre português, inglês, matemática, ciências, história, geografia etc.

Temos o projeto "Ser e Transformar" onde aprendemos coisas importantes, como por exemplo: resiliência, que é ser forte em situações difíceis.

A conclusão é que a educação é vida e o mundo sem ela estaria bem pior.

Pedro Alexandre Faraum Scopinho



A educação é importante para todos, porque ela vai ajudar a ter uma boa qualidade de vida, ser um bom cidadão cumprindo seus deveres e exigindo os seus direitos.

Essa pessoa terá uma vida melhor com uma educação boa, fazendo um bem para toda sociedade, passando isso de geração em geração. Irá se tornar um profissional dedicado e com uma grande capacidade de exercer sua profissão. A escola me ajuda a conviver em comunidade, me dedicar aos estudos, ter curiosidade de saber a história do meu país e também escolher uma profissão que desejo exercer futuramente. A educação me tornou mais gentil e me ensinou a cuidar do meio ambiente. A educação muda o mundo!

Julia Medina Basile

CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Apresentação

Com o intuito de promover a popularização da produção acadêmica, a seção Ciência e Tecnologia divide-se em duas partes, sendo elas: Conversa com quem manja e Artigos. Na seção Conversa com quem manja, a cada edição, a estudante-editora Marina Grilli entrevistará profissionais que desenvolvem reflexões e perspectivas capazes de nos ajudar a refletir e pensar criticamente sobre a educação, de modo a aliar teoria e prática. A coluna Artigos, oportuniza a experiência de publicação de textos em periódico e prestigia as produções de estudantes da graduação, licenciaturas da FEUSP e da pós-graduação, bem como produções de funcionáries docentes, técnico-administratives e terceirizadas e comunidade externa.

Quer participar de nossas próximas edições?

Envie seu artigo para nós através do link:

<<https://forms.gle/wyXvau8q2kwGKJ95A>>.

LISTA DE ITENS

Entrevista

Conversa com quem manja - A Escola no cárcere: Educar para libertar? **18**

por Marina Grilli; Convidado: Ênio Silva da Costa;

Artigos

O capitalismo de vigilância infiltra-se na educação, enquanto estamos isolados em casa **24**

por Beatriz Wajntal Meme

por:
MARINA
GRILLI.

A ESCOLA NO CÁRCERE: EDUCAR PARA LIBERTAR?

Convidado da edição: Ênio Silva da Costa

Doutorando em Educação
na Universidade do Estado
da Bahia (UNEB)

Marina: Ênio, eu queria que você começasse contando um pouquinho para gente sobre a sua trajetória e o trabalho com a educação dentro do sistema prisional.

Ênio: Eu tenho uma trajetória na UNEB, fiz curso de Pedagogia, especialização, mestrado e agora doutorado. Em 2008, surgiu a oportunidade de trabalhar no presídio de Juazeiro, que é um presídio de segurança máxima. Quando comecei, a capacidade era de 345 internos, e hoje, 1200. Então, é um desafio para o pedagogo, porque são muitos os limites e dificuldades. Existem quase 800 mil pessoas encarceradas no Brasil, por isso, urge a necessidade de efetivação de uma política pública para essa população, que tem crescido assustadoramente. A política educacional encontra vários impeditivos para acontecer nas unidades prisionais. Por exemplo: a tecnologia não é bem vista dentro do sistema prisional, embora a gente saiba que os presos usam celular à vontade, mas como aplicação em metodologia de ensino, há limitações. Quando eu me formei, quase 30 anos atrás, diziam que pedagogo só servia para duas coisas: para atuar na coordenação ou para dar aulas na Educação Infantil. Hoje, o pedagogo está onde ele quer estar: na feira livre, na educação informal, com os pescadores, com os quilombolas, e agora com os presos também. Então, isso traz uma nova dinâmica para essa profissão. É um desafio, mas a gente tem construído a duras penas um espaço educativo nas unidades prisionais no Brasil, bem na perspectiva freireana de emancipação, e da constituição de cidadania, mesmo sendo limitada.

Marina: É importante isso da perspectiva freireana para que o preso não fique só reproduzindo aquilo que vê dentro da prisão, mas possa transcender e olhar para além da mesma, certo?

Ênio: Sim, para além dos muros da prisão. Porque há uma vida fora, e a sociedade nutre um preconceito muito grande. No Brasil não há prisão perpétua, então o preso diz o seguinte: “hoje estou contido, amanhã vou estar contigo”. Então, nós precisamos cuidar dessas pessoas, pois amanhã elas estarão com a gente. Assim, a educação dentro da prisão deixa de ser uma regalia para bandido, para ser a esperança de que quem cometeu um crime, amanhã vai estar ressocializado. A educação talvez não seja o principal fator para a ressocialização do preso, mas sem dúvida é o mais importante para que esse processo seja completo, para que o preso possa sentir-se reinserido na sociedade, com outros sonhos e esperanças.

“É bom salientar que, assim como na educação regular, na prisão poucos alcançam os melhores resultados, poucos conseguem concluir o ciclo da educação básica ou poucos se matriculam. Infelizmente, predomina dentro e fora dos presídios a lógica neoliberal de exclusão, de não participação desses sujeitos na vida social, na economia.”

Marina: E há casos de detentos que tomaram gosto pelos estudos na prisão, certo?

Ênio: Sim, vários! E aí eu volto a falar do meu orgulho em ter contribuído para isso. Eu saí do sistema prisional em 2018, e já havia três egressos matriculados na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) e em outras universidades da região cursando pedagogia, psicologia, educação física... escrevendo livros! É uma grande satisfação saber que a gente contribuiu minimamente para o sucesso dessas pessoas. Inclusive, existe o depoimento de um preso que dormia na cadeia, numa cela sem colchão, e se deitava sobre jornais velhos, então começou a ver as letras e querer saber o que estava escrito ali. Ao chegar no presídio, ele teve a oportunidade de estudar e saber o que diziam aquelas letras. Esse depoimento é muito importante, é a busca desse sujeito para encontrar esse universo que lhe foi negado. Hoje, o encontro na rua por aqui, com uma autoestima, com uma outra perspectiva. É um cara que viveu desde a sua infância no crime, mas hoje está mantendo a sua família honestamente com um salário de pedreiro.

Marina: Isso tem a ver com a afirmação de que “as escolas que funcionam nos estabelecimentos prisionais acolhem os sujeitos ‘expulsos’ das escolas regulares”, não é? “Expulsos” em que sentido?

Ênio: Sim, essa é uma expressão usada pela Elenice Onofre (Pesquisadora da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar). São sujeitos que não tiveram oportunidade, porque não tinha escola perto de onde moravam, porque precisavam trabalhar... e essas pessoas encontram na prisão essa cidadania perdida, esse seu direito que foi negado. É importante ressaltar a participação da família: a mesma família que, às vezes, não acreditava na ressocialização desse sujeito, quando toma conhecimento de que ele está matriculado na escola, entra em contato com a gente, reforça a necessidade de eles estudarem... a gente sente que tem um interesse. Existem dois benefícios que eles alcançam com a matrícula na educação prisional: a remissão da pena, pois a cada três dias estudados eles têm um dia a menos na pena, e o bom comportamento perante a direção, que traz algumas concessões, como o benefício do contato com a família. Por exemplo, nas atividades de encerramento, a gente convida os familiares para dentro do sistema prisional, faz o acolhimento, faz a aula da saudade... tudo que funciona numa escola regular, a gente faz lá dentro, justamente para mostrar que não há diferença entre eles e os alunos matriculados na rede regular.

Marina: Mas a estrutura das prisões não ajuda muito nisso, certo? Como é a sala de aula, ou a “cela de aula”?

Ênio: Existe uma lei sancionada pelo presidente Lula de que todas as unidades prisionais deveriam ter um espaço laborativo e um espaço educacional. Estamos há mais de 10 anos dessa lei e, até hoje, ela não foi cumprida. Aqui na Bahia, nós não temos notícia de nenhuma unidade recém-construída que tenha obedecido a essa lei. Então, nós não temos salas de aula, temos celas improvisadas para dar aula. Aqui, a gente dá aula dentro do “raio”, que é como a gente chama, o espaço de convívio dos internos. Cada raio tem cerca de 300 internos. Os alunos são em torno de 20, e os demais ficam circulando ali em torno da sala improvisada. No mesmo pátio, funcionam o culto, o jogo de futebol, a capoeira... então, é uma concorrência desleal, porque o professor usa a voz, o pastor usa uma caixa amplificadora. Às vezes, o professor chegava à sala da coordenação afônico, e isso me preocupava bastante. Tinha que ir lá negociar, negociava com os pastores... você sabe que é muito forte a presença da religião evangélica nas unidades prisionais.

Então, isso acabava prejudicando, sem sombra de dúvida, a qualidade do ensino. Ressalto que a religião é importante no sistema prisional, ela não é ruim, embora a predominância seja das igrejas pentecostais, seria bom que tivesse outras religiões para contemplar a todos, numa perspectiva mais ecumênica.

Marina: Com certeza, é muita concorrência, hein? Mas não existe uma organização clara dos horários para cada atividade?

Ênio: Não, porque o horário na prisão é muito restrito. Os presos acordam às 7 horas, fazem a higiene e o desjejum, e aí eles têm que fazer tudo que podem, porque depois serão recolhidos. Na unidade de Juazeiro, eles circulam soltos pelo pátio, e são recolhidos nas celas às 17 horas. Então, eles têm esse período para fazer tudo: artesanato, futebol, circulação livre... é difícil, não é fácil, não.

Marina: Complicado. Outra coisa que você fala em um de seus artigos é sobre “provocar a discussão sobre a função e valores de uma educação para o sistema prisional”, porque, às vezes, a escola acaba funcionando como um tratamento terapêutico, ou adquirindo uma função moral, para corrigir pessoas que seriam imorais. Então, qual é a função da escola na prisão?

Ênio: A escola na prisão tem que assumir esse caráter diferenciado. Tem que ter uma metodologia diferenciada, um currículo diferenciado, uma didática e um material didático diferenciados. Porque é outra lógica educacional trabalhar com pessoas privadas de liberdade. O pensamento e a forma como os alunos enxergam o mundo são totalmente diferentes de uma escola regular. A nossa luta é para que a escola assuma um caráter mais crítico, emancipatório e inovador. Mesmo com aqueles dois benefícios que eu citei para quem estuda, a gente tem um número muito pequeno de matriculados, porque eles percebem que a escola não é um caminho que leva ao sucesso. Eles já viram isso, tem gente lá que já estudou e não tem nada, eles veem um familiar que estudou e não tem nada. E a escola dentro do sistema prisional começa a reproduzir o modelo do sistema, que é de contenção, de tornar o preso mais dócil para que ele não se rebele. Então, a política educacional precisa acontecer em outra perspectiva. A metodologia, a didática e o material precisam ser diferenciados.

Marina: O direito à educação também é chamado de “direito de síntese”, não é? Eu queria que você explicasse um pouquinho esse conceito.

Ênio: É a condição que a educação tem de contribuir para que outros direitos sejam efetivados nas unidades prisionais. Essa é a perspectiva de construir possibilidades, numa lógica freireana. Inclusive, isso me criou uma certa dificuldade de compreensão: como fazer com que esse sujeito tivesse um pensamento crítico e emancipatório, de libertação, dentro da prisão? Nos primeiros momentos, eu fiquei muito confuso. Como fazer isso acontecer sem levar à rebelião? Então, a gente precisa trazer essa compreensão sobre o sistema que o encarcerou. Qual é a lógica do encarceramento em massa? O que está por trás dessa perversidade? Assim, ele não se rebela para dentro do sistema, e sim, para fora do sistema. Já me disseram: “você está ensinando o preso a pensar para cometer crimes fora da prisão”. O crime organizado está dentro da prisão, mas não é por causa da educação, é porque os caras são muito inteligentes e passam 24 horas do seu dia pensando em estratégias criminosas! Mas a educação em si não tem contribuído em nada, porque os sujeitos que estão envolvidos em crimes não estão envolvidos na educação no sistema prisional. O perfil dos alunos matriculados é de quem cometeu crime de pedofilia, crimes passionais e roubo simples. Então, os criminosos que ainda estão envolvidos no mundo do crime, mesmo na prisão, não estão matriculados. A escola não tem contribuído para essa dinâmica construção de estratégias para o crime organizado.

“O direito humano à educação é classificado de distintas maneiras como direito econômico, social e cultural. Também é tomado no âmbito civil e político, já que se situa no centro das realizações plenas e eficazes dos demais direitos. Nesse sentido, o direito à educação também é chamado de “direito de síntese” ao possibilitar e potencializar a garantia dos outros, tanto no que se refere à exigência, como no desfrute dos demais direitos (GRACIANO, 2005).

As políticas públicas de educação escolar são legitimadas a partir da previsão legal nos planos nacional e internacional. Dessa forma, faz-se necessário compreender, a priori, as políticas como a marca definidora de públicas, isto é, de todos, e não estatais ou coletivas. As pessoas presas, assim como quaisquer outras, têm o direito humano à educação. No plano internacional, destaca-se a declaração universal dos direitos humanos, que, em seu artigo 26, estabelece o direito à educação, cujo objetivo é o pleno desenvolvimento da pessoa e o fortalecimento do respeito aos direitos humanos. Entende-se que os direitos humanos são universais (para todos e todas), interdependentes.”

Marina: Entendi! Bom, eu tenho mais uma pergunta: como você vê a importância da formação docente específica para o trabalho com sujeitos privados de liberdade?

Ênio: Assim como o que eu já falei sobre a metodologia e a didática, a gente precisa ter uma formação diferenciada, porque, ainda que seja Educação de Jovens e Adultos, ela tem outra perspectiva. A gente vem, desde 2014, provocando a Secretaria de Educação para que os professores do sistema prisional tenham uma jornada pedagógica diferenciada. Tem um professor da USP, [Roberto da Silva], que é egresso do sistema prisional! Nós tentamos trazê-lo para fazer a formação dos professores, para despertar outro olhar. Porque os professores destinados ao sistema prisional eram os professores perseguidos politicamente no município, o professor que não era bem-quisto pela gestão, o professor readaptado ou com algum problema de saúde... era mandado para dentro do presídio como um castigo! Muitos desses professores se transformavam em bons professores porque se encontravam com o objeto da sua angústia, de luta pelo melhor da sociedade. Mas era assim, os professores enviados para o presídio, eram aqueles que a escola não queria mais, e com isso alguns acabavam criando dificuldades. Então, essa função diferenciada também precisa estar na formação docente. Precisa ser uma política nacional, e, infelizmente, nos últimos anos, a gente não tem a esperança de que ela se efetive.

Marina: Muito obrigada, Ênio! Com certeza, todo mundo que ler essa entrevista terá muito o que pensar em relação ao preconceito contra os detentos no Brasil, em relação às possibilidades de ressignificação e ressocialização e, principalmente, sobre qual é o papel da escola, para todos.

Ênio: Eu é que fico muito agradecido com o convite. A gente precisa ampliar esse debate, tem muita gente produzindo e pesquisando, mas não tem amplitude. É preciso que as universidades criem linhas de pesquisa sobre isso, eu pelo menos não conheço nenhum programa que tenha essa linha de pesquisa. É interessante que tenha grupos de pesquisa para que a gente possa contribuir mais com esse sujeito e com a sociedade. O direito à educação é um direito constitucional!

O capitalismo de vigilância infiltra-se na educação, enquanto estamos isolados em casa

Beatriz Wajntal Meme [1]

RESUMO

A partir da perspectiva de que o isolamento social que estamos vivendo, consequente da pandemia causada pelo coronavírus, fomenta a entrada da tecnologia nas nossas vidas e no ensino, o objetivo deste trabalho é compreender os efeitos dessa inserção na educação. Deparei-me com o termo capitalismo de vigilância (ZUBOFF, 2019), e conforme o desenvolvimento da pesquisa, ficou visível que o processo de digitalização do ensino já vinha ocorrendo desde 2007 (AMIEL, et al., 2018), e foi impulsionado pela pandemia. Dessa maneira, é possível afirmar que o isolamento foi valioso para o mercado, pois com as nossas relações sociais mediada pelas tecnologias, os donos de grandes empresas com plataformas de ensino online (como Google e a Microsoft) conseguem extrair muitos dados que são usados para gerar algoritmos sobre as probabilidades do nosso comportamento futuro, que servirá de fonte para estudos para saber o que tendemos a consumir, criando uma garantia para as produções futuras (AMIEL, et al., 2018). Assim, empenhei-me em entender o quão perverso é o sistema que permite a empresas terem acesso aos dados educacionais da população e como isso afeta nossa autonomia, privacidade e atenta contra a democracia da nação.

Palavras-chave: Capitalismo de vigilância. Educação. Ensino à distância. Controle de dados.

INTRODUÇÃO

O processo de virtualização e digitalização do ensino é algo que está em voga desde 2007, data em que os serviços de educação da Google e da Microsoft foram lançados (AMIEL, et al., 2018). Esse modelo carrega consigo uma lógica perversa de privatização, precarização e sucateamento de um dos pilares mais importantes da nossa sociedade: a educação.

Desde sua existência, o capitalismo neoliberal rege a sociedade conforme as lógicas e necessidades do mercado. O processo de privatização massivo de escolas públicas, que vem ocorrendo nos últimos anos, está colocando o ensino nas mãos de banqueiros e donos de empresas. Esses empresários não possuem nenhum compromisso com a escola, mas têm todos os laços possíveis com o mercado financeiro e grandes empresas de lobby, que aos poucos se infiltram nos governos e decidem as políticas públicas do país. Desde o início do século XXI, contudo, o mercado ganhou uma nova cara que facilita muito o processo de domínio empresarial: o capitalismo de vigilância. Esse termo foi empregado pela primeira vez por Shoshana Zuboff (The Age of Surveillance Capitalism: The

[1] Aluna de graduação em Pedagogia na Universidade de São Paulo (USP). E-mail: biawmeme@usp.br.

Fight for a Human Future at the New Frontier of Power, 2019), e é usado para definir um novo tipo de capitalismo, que emerge neste século e reivindica nossas vidas privadas como fonte gratuita de matéria prima para gerar dados de comportamento, conforme as pesquisas que fazemos no Google e os sites online em que navegamos todos os dias. A partir disso, com inteligência artificial, são gerados gráficos para fazer previsões dos nossos comportamentos futuros, analisando, por exemplo, o que somos mais inclinados a comprar, a consumir, a dar “like”, etc. (ZUBOFF & GOODMAN, 2019).

Com essas previsões, cria-se um mercado de vendas e trocas, e o comércio tem todo o interesse em saber o tipo de coisas em que vamos estar interessados no futuro, para transformar esses interesses e desejos em materiais para consumo. Assim, as empresas que estão por trás dessa mineração de dados vendem essas previsões e gráficos, principalmente para o mercado de propaganda online, que consegue abranger quase todas as facetas da economia, gerando muito dinheiro com isso: surge um monopólio de posse de informação.

Esse processo de absorção informacional está tendo cada vez mais espaço na nossa sociedade, conforme a tecnologia invade as instituições. A educação não escapa dessa lógica, pelo contrário: ela se torna o lugar privilegiado para essa extração de dados, pois o ensino – principalmente nas universidades – é o principal espaço de produção de conhecimento. Assim, podemos nos perguntar: quais serão os limites do mercado se ele tiver a capacidade de prever e adiantar os novos conhecimentos que vêm gerindo o mundo? A que lógica estamos submetendo a educação quando a vendemos para o mercado financeiro de investidores? Se eles são capazes de filtrar e selecionar o tipo de informação que aparece para nós, será que também não serão capazes de filtrar as nossas pesquisas científicas? Já não o fazem?

Esse mercado de vigilância educacional já estava crescendo na última década, contudo, com a pandemia do coronavírus, ele ganhou um novo impulso. Para respeitarmos as medidas de isolamento social, fomos trancados nas nossas casas, mas com a lógica capitalista de que a economia não podia parar e a produção tinha que continuar, mesmo que as pessoas não estivessem com condições para trabalhar ou produzir. A perversidade do capitalismo é que ele faz a humanidade se submeter ao mercado e não o contrário: mesmo em um período de pandemia, coloca a necessidade de continuar a produção, como se tudo fosse normal. A prática de ensino à distância que estava começando a irromper nas escolas, ganha um impulsionamento perigosíssimo e extremamente conveniente para o capitalismo de vigilância.

A INFILTRAÇÃO DO CAPITALISMO DE VIGILANCIA NA EDUCAÇÃO: caminhando para um sucateamento da escola

O leque de oportunidades mercantis que o Ensino à Distância abriu para o setor privado e empresarial é muito valioso por um simples motivo: ele acelera a entrada massiva do capitalismo de vigilância na educação e produções acadêmicas. Se antes as

empresas tinham acesso às informações que produzíamos nas mídias sociais, agora elas conseguem captar tudo que fazemos no sistema educacional. É preciso considerar como isso beneficiaria o mercado e a nossa vida em sociedade. Como pensar em uma sociedade em que as pesquisas e a produção de conhecimento estão à mercê do capital?

As áreas de educação e pesquisa se tornam espaços privilegiados para o controle das corporações privadas e internacionais, o que nos permite pensar sobre os riscos que isso pode vir a causar. Todo o conhecimento produzido nas instituições educacionais está dependente dos serviços de tecnologias online, como as plataformas Google (Documentos, Meet, Classroom, Drive) ou os artigos que estão todos na rede de dados que são controlados por empresas privadas, com monopólio informacional (AMIEL et al., 2018).

A importância de problematizar o uso da tecnologia nas instituições públicas de ensino e a entrada das corporações que iniciam o capitalismo de vigilância se relaciona à concentração das informações nas mãos de poucas empresas. Esse capital de dados, que é informacional, é comandado por poucas empresas, conhecidas como Big Five: Google, Apple, Facebook, Amazon e Microsoft (GAFAM). Elas impulsionam um mercado valiosíssimo: os dados, que se tornam a base do programa de vigilância e monopólio de obtenção de informações pessoais. Essa relação de vigia e empresas se associa diretamente com o exercício do poder, pois diminui o número daqueles que o exercem e aumenta o número dos vigiados: a tecnologia permitiu uma vigilância massiva.

Na educação, sobressaem o Google, com a plataforma Google suite for education (com parceria com a USP e a UNICAMP, maiores universidades públicas do Brasil), e a Microsoft, com o programa Microsoft teams for education (AMIEL et al., 2018). Em 2016, tais serviços começaram a ter uma atuação efetiva, a partir da baixa da lei que impedia as universidades de usarem corporações externas e terceirizadas de tecnologia informacional no Brasil. O GSuite foi o principal produto que foi oferecido gratuitamente, o que à primeira vista parece ser muito benéfico para o financiamento da universidade ou instituição. Contudo, esse serviço possui um alto custo no mercado internacional e fomenta o monopólio de tais empresas, por isso temos que perguntar quanto de fato custa esse “gratuito”. Surge um “maquinário de capitalismo de vigilância pronto a capturar o universo da educação” (AMIEL et al. 2020), ocorrendo uma googlificação da sala de aula.

Quando uma universidade inteira adota um sistema de aplicativos, cria-se uma infraestrutura invisível, com efeitos muito maiores do que caso essas plataformas fossem adotadas individualmente pelos alunos. As plataformas se inserem com um discurso de facilidade que conferem para a vida escolar, fazendo parecer que a única escolha possível seria adotá-las. No quesito técnico da própria universidade, faz-se um sucateamento por meio de um sub-investimento proposital, para tornar essas parcerias com as empresas privadas inevitáveis. Nesse cenário, busca-se uma solução mais eficiente do ponto de vista corporativo, esquecendo-se dos modelos públicos de investimento de interesse governamental, e criando uma pressão dessas corporações para substituir a tecnologia da faculdade pelas de grandes corporações privadas (AMIEL et al., 2018).



Um caso expressivo desse movimento ocorreu na USP, a maior universidade de São Paulo, que, pelo pouco investimento estadual, terceirizou seu e-mail institucional e toda a parte de TI para a corporação do Google. Essa associação, que foi gratuita, permite ao Google gerar milhões de reais por ano, a partir da extração de dados que os alunos produzem com seus e-mails institucionais. A plataforma antiga da USP passava por problemas de spam, limite de capacidade, problema com estabilidade, falta de segurança e perda dos dados, o que levava os docentes a utilizarem o Gmail (AMIEL et al., 2018). A USP migrou institucionalmente para a plataforma ofertada pela Google não só pela sua eficiência, mas também pelo sucateamento da educação que criou uma crise orçamentária das universidades públicas. Com isso, o GAFE (Google Apps For Education) possibilitou cortar custos da área de TI, pois os terceiriza. Tal plataforma se apresenta como econômica e eficiente para a universidade, porém, adotar corporações privadas em sistemas públicos de educação pode gerar a perda da autonomia tecnológica, fazendo com que a faculdade perca a capacidade de fornecer soluções independentes. Essas ferramentas ganham espaço para extrair dados, retirando a privacidade dos alunos e docentes e exercendo a vigilância (AMIEL et al., 2018).

É nesse ponto que se encontra a perversidade do sistema: o uso massivo dessas ferramentas do Google fomenta a principal fonte de renda da empresa, que é o marketing customizado para os usuários. Com a capacidade de coletar, armazenar e analisar padrões de busca e navegação, tudo que fazemos enquanto estamos conectados no e-mail e plataforma Google possibilita uma imensa coleta de dados. Isso produz diversos gráficos estatísticos do comportamento humano, criando potencialidades para o mercado e modelando o desejo e o interesse dos usuários: “através da análise do que fazemos online, a Google, como outras empresas, vendem publicidade sob diversas formas para o perfil identificado dos usuários”. (AMIEL et al. 2018, p. 15).

Essa coleta de dados cria uma máquina de conhecimento: quando uma instituição inteira, ou um governo, entram nessa lógica, maior a capacidade de análise e previsões, pois insere-se um grupo inteiro nas estatísticas. Quando essas plataformas são adotadas, deve-se ter em mente os efeitos futuros que vão exercer no conhecimento.

Imaginemos um cenário em que uma grande corporação com presença mundial controla a comunicação em diversas universidades. Sua posição estratégica no interior da cadeia informacional permite a ela extrair informações (no nível dos metadados) e produzir conhecimento estratégico sobre diferentes áreas científicas e de desenvolvimento tecnológico (AMIEL et al., 2018, p. 24).

A partir disso, podemos nos perguntar se não estaríamos abrindo portas para essas empresas roubarem as pesquisas de extrema relevância que existem na faculdade. Essas empresas não viriam a ter vantagens cognitivas em um cenário de competição por inovação tecnológica? Amiel, Cruz, Machado e Parra (2018) afirmam que esse monopólio poderia ser evitado se as universidades se integrassem em um sistema colaborativo entre



si e com investimento em tecnologia.

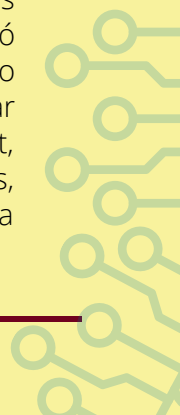
Quando pesquisadores começaram a investigar essas parcerias e as sedes dessas empresas, descobriram que todas elas estavam localizadas fora do Brasil: “um imenso volume de informação de grande valor estratégico passa a ser hospedado em territórios submetidos a outras legislações.” (AMIEL et al., 2018, p. 33). Essas empresas multinacionais estão diariamente extraindo dados informacionais daqui, para vendê-los para o mercado externo.

É importante pontuar que todas essas informações e dados de previsões futuras, se estivessem nas mãos dos nossos governos, poderiam ser usadas para criar previsões de investimento em políticas públicas, conforme se faz necessário; mas, ao invés disso, submetem-se essas informações ao interesse do mercado, nas mãos de empresas externas (AMADEU et al., 2020). Vemos acontecer uma perda da autonomia estatal das informações e políticas, pois são controladas pelas empresas. Esse processo se alinha diretamente com a proposta do neoliberalismo, que busca apartar o Estado em prol do livre comércio empresarial.

A comunicação entre professores e alunos fica guardada nas sedes dessas empresas (como a Google), desprotegida e fora do controle das universidades, nos tornando uma colônia digital, que se articula para entregar dados para as empresas para que possam analisar e treinar os algoritmos. O Brasil não tem aparatos governamentais dedicados à Tecnologia da Informação que poderiam tratar adequadamente essa grande fonte de riqueza informacional. Mesmo assim, o Estado impede a produção de alternativas, criando um desinvestimento nos serviços nacionais e valorizando as alternativas que essas empresas externas oferecem (AMADEU et al., 2020).

Considerando o momento de pandemia, muitas instituições enxergam nessas empresas a saída para a continuidade das aulas à distância (SARAIVA, 2020). E essas plataformas veem as portas abertas para avançar na educação básica. Muitas escolas e universidades já tinham contrato com essas empresas, principalmente a Google e a Microsoft, contudo, é evidente o crescente número de associações no período da pandemia. Os governos fizeram acordos com essas empresas, principalmente para o uso do Google Classroom, que se tornaria a nova plataforma de estudos no ensino público. As parcerias que mais cresceram durante a pandemia foram as associações de redes públicas de ensino básico com empresas privadas. Vemos no site da secretaria de educacional de São Paulo a seguinte notícia:

Durante o período de isolamento social, a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo tem se amparado nas tecnologias digitais para garantir o estudo dos 3,5 milhões de alunos. Contudo, não é só durante a pandemia de COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus) que a pasta busca parcerias para proporcionar inovação à rede estadual. Uma ação de sucesso é com a Microsoft, que disponibiliza gratuitamente o pacote Office 365 para alunos, professores e servidores da rede estadual (SÃO PAULO, secretaria da educação, 2020).



A notícia pontua que não será apenas durante a pandemia que a parceria será selada. Dessa forma, fica claro como esse momento de crise sanitária abre portas valiosíssimas para o capitalismo de vigilância e o mercado de dados diante a educação.

Um dos objetivos de inserir a tecnologia e o ensino a distância logo na infância é fazer com que as crianças e jovens se familiarizem com ela desde cedo, de forma a ingressarem quanto antes no mundo da tecnologia e conseqüentemente nas mídias sociais. Precisamos lembrar que, quando transferimos a educação para os meios digitais, conseqüentemente estamos passando para as mídias o primeiro contato de socialização dessas crianças com o mundo, e assim o contato se vê mediado e permeado pelas propagandas. Ter dados das crianças no mercado é muito valioso, pois as empresas conseguem acompanhar a evolução educacional e seus aprendizados, criando dados estatísticos para analisar os tipos de coisas que elas vão consumir. Assim, quanto antes os dados das pessoas forem computados, mais certos eles poderão ser nas suas previsões, e inferir melhores possibilidades para o mercado de bens e consumo, tal como o publicitário.

A vigilância surge como um modelo educativo, que apresenta ferramentas que regulam a relação de ensino-aprendizagem com mecanismos de monitoramento comportamentais. Há ferramentas que comparam e classificam alunos através de dados gerados pelo comportamento online, até mesmo o professor é avaliado a partir dos índices quantitativos que são gerados. Trata-se de um poder que monitora e determina o comportamento dos sujeitos, tendo em suas mãos o desempenho acadêmico dos alunos e professores, a partir de dados coletados.

Isso permeia boa parte das nossas relações sociais, se apresentando como modelo eficiente de relação de poder. “O cenário que se apresenta é o de um futuro onde a modelização do ambiente em que estudamos e pesquisamos torne-se cada vez mais refinado para o usuário, e ao mesmo tempo submetido a um controle vertical e centralizado” (AMIEL, et al., 2018, p. 30), impondo um modelo de vigilância das relações entre docente e discente e professor e escola. Os professores que já eram encarregados de avaliar, classificar e ordenar os alunos, encontraram uma facilidade com tais plataformas, pois foram pensadas e estruturadas para tal: são “ferramentas específicas para a educação, que geram notas dos alunos, criam calendários compartilhados, obrigam a submissão de atividades e tarefas, dentre outros” (AMIEL et al., 2020). “Isso confere um peso para as atividades online, pois são mais capazes de oferecer indicadores de desempenho, e podem ser monitoradas pelos gestores, criando um espaço de vigia dentro da sala” (AMIEL et al., 2018).

O aparelho escolar já tinha o propósito de vigiar para disciplinar no século XVII, como nos mostra Foucault. Ele aponta que a disciplina exige a prática da vigilância, pois é necessária a coerção. Com isso surgem, de forma gradual, os observatórios, que se configuram como peça para o funcionamento do poder (FOUCAULT, 1987). Contudo, a tecnologia de vigia facilita esse processo ainda mais, tornando-se um aparelho de observação, registro, treinamento constante e diário. Um olho ao qual nada escapa.



Uma fiscalização definida e regulada está no cerne da atividade educadora, como um mecanismo que multiplica a sua eficiência. Esta ocorre pela vigilância hierarquizada, de forma que não são apenas as atividades, as faltas e o desempenho dos alunos que estão sendo monitorados, mas também a ação dos professores. Assim, a hierarquia se coloca à medida que os professores vigiam os alunos, enquanto são vigiados pela direção, e todos são vigiados pelo mercado. Esse poder funciona como uma máquina, permitindo que esteja em toda parte: o “jogo ininterrupto dos olhares calculados” (FOUCAULT, 1987, p. 202).

Esse controle fica claro no caso descrito do aplicativo 2BeLive. Durante a pandemia de covid-19, os fundadores do Ifood idealizaram o lançamento de uma empresa: 2BeLive, cujo propósito é melhorar o engajamento dos alunos com ferramentas para o ensino a distância. No início, seria uma ferramenta para tutores particulares, mas com a pandemia, ganhou novo impulso, de forma que a empresa começou a focar nas escolas. “As dúvidas ficam restritas ao chat, que pode ser controlado pelo educador. Caso algum estudante saia da aba do navegador, o professor recebe um alerta de que ele não está prestando atenção” (IGIZZA, 2020, grifos meus). A partir das palavras destacadas, busco deixar claro como há um controle extremo dos corpos, exigindo atenção constante do aluno, que só pode tirar suas dúvidas por escrito, o que permite melhor análise semântica e mitiga a relação entre aluno e professor.

Esses processos de vigia e extração de dados permitem estabelecer uma quantificação e uma economia traduzida em números, criando um balanço de cada indivíduo e uma hierarquia. Relacionam-se “os atos, os desempenhos, os comportamentos singulares a um conjunto, que é ao mesmo tempo campo de comparação, espaço de diferenciação e princípio de uma regra a seguir” (FOUCAULT, 1987, p. 107). Assim, esses dados possibilitam uma comparação, diferenciação, hierarquização, homogeneização que levam à normalização e exclusão. Surge, portanto, uma série de processos de vigia e análise de atitudes e corpos. Com isso em mãos, as empresas são capazes de realizar uma qualificação dos indivíduos, a partir de lógicas de definição do mercado, e da competição individual. Isso possibilita o acúmulo de informações sobre as características e o desempenho de cada aluno, que são convertidas em previsões do mercado.

Todo esse cenário se prolifera quanto maior forem os cortes e o desinvestimento em educação, como vemos acontecer de forma crescente no país. Os principais países que sofrem com isso são os subdesenvolvidos, da periferia capitalista. Estes, por terem sido explorados durante anos, tiveram suas riquezas minadas, o que os obriga a recorrer a soluções externas e terceirizadas, os fazendo dependentes dessas empresas mundiais. Dessa forma, passamos de uma colônia para a outra, com a sensação de que somos independentes, mas continuamos à mercê do capital e dos países de primeiro mundo. É um sistema de ensino que se configura para derrubar tudo que conseguimos nos últimos anos, destruindo as nossas bases democráticas, que caminhavam aos poucos para a igualdade e a liberdade.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A introdução de plataformas online e videoaulas na educação é vista por muitos como inevitável, um sinal de progresso e avanço social. Contudo, educar é mais do que transmitir conteúdo, e essas plataformas representam um sistema de transmissão, não de aprendizagem. Por trás das aulas online está o desejo de massificação do ensino e precarização do trabalho do professor, criando uma educação instrumental, voltada para o mercado de trabalho, permeado com teorias para o treinamento ao invés da formação cidadã (AMIEL et al., 2020). Esse espaço que o capitalismo neoliberal está inserindo na escola praticamente não tem leis definidas, e uma parte do problema se encontra na sua desregulamentação.

Criou-se um discurso de inevitabilidade, como se fosse um caminho natural das coisas e por isso devemos nos acostumar, pois nosso futuro será assim. Contudo, essa lógica não só pode, como deve ser combatida. Para isso precisamos de políticas públicas, leis que protejam nossos dados, exigindo que os governantes impeçam e proíbam tais práticas, ao invés de fomentá-las.

Além da parte jurídica, é preciso uma mobilização para a valorização de uma escola pública, para todos e de qualidade, e com ela seria possível a valorização do professorado. A escola que temos não é perfeita, mas dissolvê-la não é a solução. Com essa tentativa, a escola se torna espaço para torturar mentes e corpos, adormecendo a consciência em uma espécie de lavagem cerebral (BONILLA, 2020). É preciso abrir um debate que articule os setores estudantis, de professores, famílias e estudiosos do assunto, exigindo investimento de dinheiro público nas universidades e escolas para que elas tenham autonomia com os próprios sistemas de tecnologia, com sedes nacionais, convertendo os dados produzidos em políticas públicas estatais.

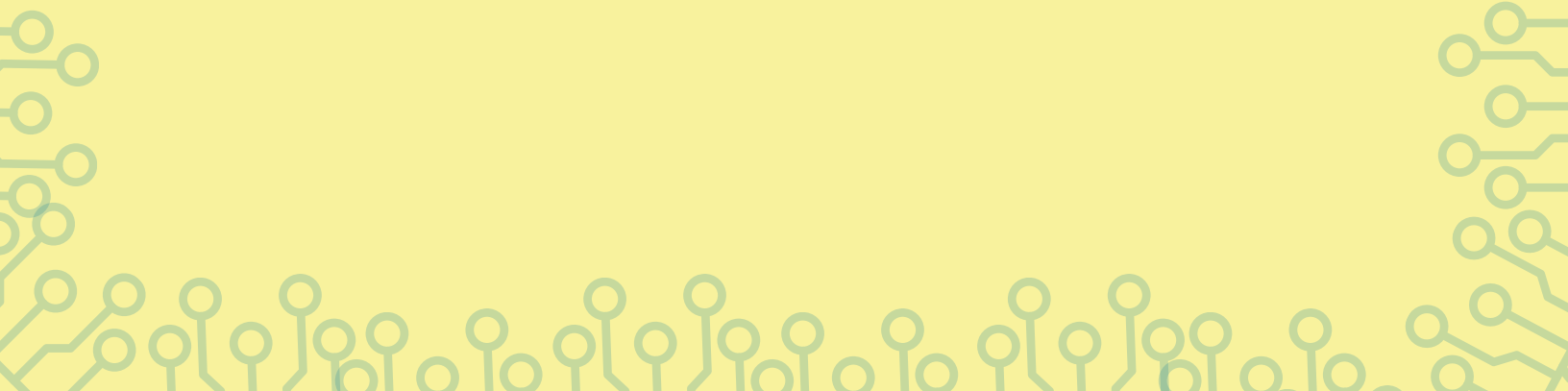
O Brasil, apesar de ter encaminhado a PL 4060/12 de proteção digital (BRASIL, Câmara dos deputados, 2018), ainda não tem uma lei específica para tal. Dessa forma, não há como garantir que os dados que a universidade entrega a essas empresas não servirão para vigilância e controle. Como as sedes das empresas são controladas externamente, até os governos podem ser vigiados.

Temos que lembrar que o capitalismo neoliberal é um sistema que foi articulado para nos fazer reféns, nos mantendo ignorantes, que se infiltra diretamente nas nossas vidas e não sabemos como opera. Se queremos nos defender, precisamos começar por entender o que esse sistema faz, e apenas assim teremos poder de combatê-lo. É necessário ter mais informações sobre o assunto e realizar debates efetivos para que a população se conscientize do tamanho problema, falando sobre o assunto de forma clara, compreensível e acessível, para que a população exija de seus representantes uma ação. Como não havíamos percebido que isso vinha ocorrendo, as grandes empresas vieram se aproveitando da nossa falta de reação, para nos acostumar com formas cada vez mais criativas de explorar os mais pobres e mais fracos. As condições humanas são esvaziadas em prol do mercado.

Porém, a resistência será feita se houver uma conscientização da população. Precisamos lembrar que não podemos baixar a guarda, é com a luta que as conquistas serão feitas. Muitas escolas já se rebelam contra essa lógica educacional e o processo vigilante. Mesmo que seja um percurso difícil, pois muitas vezes essas mobilizações são podadas, já que estão em jogo os salários e o emprego, não podemos desistir de mobilizar a educação para que não ceda a essa lógica perversa empresarial.

Por fim, quero pontuar que precisamos ter consciência de que o problema está na estrutura social, política e econômica em que estamos inseridos: o capitalismo. A tecnologia só traz o pior da sociedade pois está articulada a essa lógica. A vigília e o controle só se efetivam pois, para esse sistema funcionar, é necessário o consumo e a produção constantes. Estamos em um ponto crítico em que a exploração já foi tanta em prol do mercado, que não precisamos torná-la democrática, mas, sim, pensar em outras formas de regência social que envolvam relações menos extrativistas com o mundo.

Eu não tenho uma resposta para o que seria esse sistema, mas muitas correntes estão surgindo com novas propostas. O capitalismo se empenha em sufocar tais respostas, pois elas desafiam a sua existência, e o que precisamos fazer é dar espaço para outras formas de estar no mundo. Assim, Krenak (2020) afirma que, quando pudermos contar mais de uma história, de pontos de vista diferentes, estaremos adiando o fim do mundo. Se queremos nos livrar da lógica perversa do capitalismo, precisamos deixar que essas propostas de regência social germinem; senão, nosso destino, como bem disse Krenak, será o fim do mundo.



REFERÊNCIAS

AMADEU, Sérgio; CRUZ, Leo; SARAIVA, Felipe. Tecnopolítica #32: Educação vigiada. **Podcast Tecnopolítica**. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=onnMU_iY8zY&t=8s>. Acesso 23/12/2020>. Acesso em 21/05/2021.

AMIEL, Tel; HAAR, Ewout; SOARES, Tiago C.; VIEIRA, Miguel Said. Lavits_Covid19_#20: Educação aberta, plataformas e capitalismo de vigilância: a pandemia como encruzilhada. **Lavits: rede latino-americana de estudos sobre vigilância, tecnologia e sociedade**. 2020. Disponível em: https://lavits.org/lavits_covid19_20-educacao-aberta-plataformas-e-capitalismo-de-vigilancia-a-pandemia-como-encruzilhada/?lang=pt Acesso 16/12/2020.

AMIEL, Tel; CRUZ, Leonardo Ribeiro da; MACHADO, Jorge; PARRA, Henrique Zoqui Martins. Infraestruturas, Economia e Política Informacional: o Caso do Google Suite For Education. **Lavits: rede latino-americana de estudos sobre vigilância, tecnologia e sociedade**. 2018. Disponível em: <<https://lavits.org/infraestruturas-economia-e-politica-informacional-o-caso-do-google-suite-for-education/?lang=pt>>. Acesso 16/12/2020.

BONILLA-Molina, Luís. **“Os desaparecidos e torturados pelo modelo global de ensino em casa”**. 2020. Institutos humanitas Unisinos. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/600918-os-desaparecidos-e-torturados-pelo-modelo-global-de-educacao-em-casa>>. Acesso em 21/05/2021.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **PL 4.060/12 - Tratamento e Proteção de Dados Pessoais**. Brasília, DF. 2018. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/evento-legislativo/51375>>. Acesso 16/5/2021

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

IGIZZA, Carolina. **Fundador do iFood lança plataforma interativa de ensino remoto**. Exame, 2020. Disponível em: <<https://exame.com/pme/fundador-ifood-plataforma-ensino-remoto/>>. Acesso 16/12/2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SARAIVA, Felipe. **Capitalismo de Vigilância infiltra-se no Ensino Público**. OUTRAS PALAVRAS: jornalismo de profundidade e pós-capitalismo. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/tecnologiaemdisputa/capitalismo-de-vigilancia-infiltra-se-no-ensino-publico/>>. Acesso em 23/12/2020.

Site Educação Vigiada. 2018. Disponível em: <<https://educacaovigiada.org.br/>>. Acesso em 23/12/2020.

SÃO PAULO. Secretaria de Educação Fundamental. Educação de SP disponibiliza ferramentas online gratuitamente para toda a rede. Brasília: **MEC/SEF**, 2020. Disponível em: <<https://www.saopaulo.sp.gov.br/ultimas-noticias/educacao-de-sp-disponibiliza-ferramentas-online-gratuitamente-para-toda-a-rede/>>. Acesso em 23/12/2020.

VENCO, Selma. Há um processo de quase uberização dos docentes, afirma Selma Venco. **Contrapoder**, 2020. Disponível em: <<https://contrapoder.net/entrevista/ha-um-processo-de-quasi-uberizacao-dos-docentes-afirma-selma-venco/>>. Acesso em 16/12/2020.

ZUBOFF, Shoshana; GOODMAN, Amy. Big Tech Stole Our Data While Democracy Slept: Shoshana Zuboff on the Age of Surveillance Capitalism. **Democracy now**. 1/3/2019. Disponível em: <https://www.democracynow.org/2019/3/1/big_tech_stole_our_data_while>. Acesso em: 17/12/2020.

COMISSÃO

DE PÓS-GRADUAÇÃO

Por: Rani Beatriz Evangelista

Para além da docência e da gestão escolar, pessoas formadas em Pedagogia ou outras licenciaturas podem seguir diversas carreiras. A acadêmica é uma delas, e é extremamente importante para que se garanta a produção e a difusão de conhecimento científico na área da educação, seja em contextos escolares ou não escolares. Para trilhar esse caminho profissional, é essencial que a pessoa possua títulos de pós-graduação *stricto sensu*, ou seja, mestrado e doutorado.

Na Faculdade de Educação da USP, o setor responsável pela organização desses cursos é a Comissão de Pós-Graduação (CPG). Uma vez que o ingresso em cursos de mestrado e doutorado depende da aprovação em processo seletivo, uma das atribuições da Comissão é a divulgação da relação de candidatas selecionadas para os programas. Ao final dos cursos de pós-graduação é preciso que se apresente uma dissertação (mestrado) ou uma tese (doutorado). A CPG tem a função de definir os procedimentos de defesa desses trabalhos, além de designar os membros que constituirão as comissões que julgarão os trabalhos apresentados.

Também estão entre as atribuições da CPG: a proposição da estrutura do Programa de Pós-Graduação, a coordenação de suas atividades didático-pedagógicas, além da análise dos critérios para o credenciamento de disciplinas e docentes responsáveis por elas. Também são competências da CPG a deliberação e a divulgação do oferecimento das disciplinas e do calendário de aulas e atividades dos cursos de pós-graduação.

BIOGRAFIA

SOLANGE CLEIDE FRANCISCO

**DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR E ECONOMIA DA EDUCAÇÃO.
DESDE 1981 NA FEUSP.**

Revista Futuro do Pretérito (FP): Olá, Solange! Seja bem-vinda à nossa revista! Por favor, fale-nos um pouco sobre você.

Solange: Olá! Meu nome é Solange Cleide Francisco. Nasci no dia 30 de julho de 1963.

FP: Em qual cidade você nasceu?

Solange: Quatá – Estado de São Paulo.

FP: Como era a casa da sua infância?

Solange: Muito simples. Morava em uma casa de colônia, em uma fazenda, no município de Quatá, estado de São Paulo (região oeste). Mas era uma casa de alvenaria, com 3 quartos, uma garagem para a carroça, que era utilizada para fazer compras na cidade, muito raramente, e um enorme quintal. Neste quintal tínhamos algumas “criações”, como diziam por lá, entre patos, galinhas e até porcos que era para o sustento da família. Havia também horta, com alface, tomate e almeirão (que eu me lembre), e algumas árvores frutíferas. O banheiro, também de alvenaria, ficava do lado de fora da casa, enorme. Nem todas as casas da colônia tinham banheiro dentro de casa. Os quintais eram separados por cercas, para impedir que as criações avançassem em outros quintais.



FP: Quem morava junto contigo na mesma casa?

Solange: Meus pais, dois irmãos e duas irmãs e muitas vezes meus pais abrigavam alguns sobrinhos deles, primos meus.

FP: Como é o nome dos seus pais? Eles trabalhavam em quê neste período?

Solange: Meu pai se chamava João Francisco, falecido em 20/07/2007. Meu pai trabalhava por lá, inicialmente em uma serraria, e fazia móveis para os moradores da Fazenda. Ele fez nossas camas e ficamos com uma delas até um ano atrás, quando doamos, em excelente estado, além de bonita. Depois de um tempo ele foi trabalhar em um armazém, em que tinha a guarda de mantimentos. Lá, os moradores que não tinham condições de ir à cidade, podiam comprar seus mantimentos. Ele separava as mercadorias, anotava na caderneta de quem levava, para acerto de contas no dia do pagamento, e quando mudamos para São Paulo, em 1975, ele trabalhou como Vigia de uma fábrica de telhas. E a minha mãe, Maria Aparecida Corrêa Francisco, hoje com 80 anos, trabalhava em casa desde quando éramos muito pequenos, fazendo roupas para as crianças. Comprou sua primeira máquina de costura arrecadando dinheiro de venda de seus crochês. Aprendeu a costurar fazendo um curso à distância e costurava muito bem. Quando crescemos um pouco, passou a trabalhar como servente do Grupo Escolar da Fazenda, onde os filhos estudavam. Em São Paulo, trabalhou em um laboratório farmacêutico e logo depois ingressou na FEUSP. Na época, eram realizados processos de seleção e sempre tinha vagas. Ela nos comunicava sobre as inscrições e as três filhas, Sônia, Sandra e eu, ingressamos, em anos distintos, na mesma unidade para trabalhar, ficando até aposentar.

FP: Agora, neste bloco de perguntas, gostaríamos de saber mais sobre escola, bairro e amigos que fizeram parte da sua vida. Onde você estudava? Ficava perto de sua casa? Você ia só?

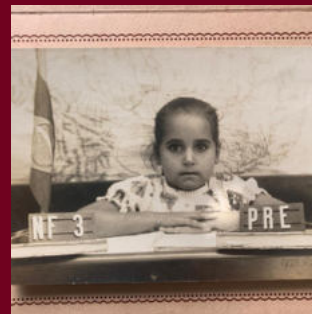
Solange: Estudava em um Grupo Escolar, dentro da fazenda em que morava. Era bem perto de casa e ia com meus irmãos mais velhos (sou a caçula). Todos estudavam na mesma escola e minha mãe trabalhava como servente, neste período.

FP: Quais matérias você mais gostava de estudar?

Solange: Português e matemática

FP: Teve alguma professora ou professor que te marcou nesse período?

Solange: Sim, Dona Divanil. Linda e carinhosa! Ainda guardo uma foto dela comigo.



FP: E tinha muitas amizades, da escola e do bairro?

Solange: Sim, como era uma fazenda e tinha poucos moradores, todos se conheciam. Eram muitas crianças e estávamos sempre juntos.

FP: Vocês brincavam de quê?

Solange: Tinha um campo de futebol na colônia em que morava, que só tinha jogos aos domingos e durante a semana ocupávamos para brincar de pular corda, queimada, jogos e também balançar em árvores gigantes. Uma infância maravilhosa e inesquecível!!!

FP: Agora, partindo para sua trajetória na FEUSP: quando você começou a frequentá-la?

Solange: Em 1980, quando minha mãe e minhas irmãs já trabalhavam lá. Uma das irmãs datilografava teses para docentes, como trabalho extra aos finais de semana, e eu levava marmita pra ela, por ser próximo de casa. Adorava e sempre dizia que ia trabalhar na FEUSP também, como minha mãe e irmãs.

FP: Quando você começou a atuar profissionalmente na FEUSP?

Solange: Em dezembro de 1981.

FP: E qual sua rotina de trabalho na FEUSP?

Solange: Logo que entrei era bem tranquilo. Tinha pouco trabalho (em comparação ao que é hoje). Trabalhava na Seção de Contabilidade até 1983. Mas as coisas foram mudando e trabalhei em outros 3 setores na FEUSP. Depois da Contabilidade, no Serviço de Apoio à Pesquisa, órgão ligado à Biblioteca e que foi extinto, isso até 1989, quando fui substituir a secretária titular do Departamento de Administração Escolar e Economia da Educação, e por lá fiquei até que ela retornasse de sua licença gestante. Em seguida, trabalhei um período como secretária de unidade, de 2010 a 2017, retornando em seguida ao mesmo Departamento (EDA), onde estou até hoje.



FRASES PREFERIDAS

"Acho que 'uma andorinha sozinha não faz verão', ou 'a união faz a força', coisas assim. Sempre considerei que precisamos do outro e outros precisam da gente!"

-SOLANGE

FP: Do seu ponto de vista, qual a importância do setor onde você trabalha para a vida das/os estudantes e da comunidade, em geral?

Solange: Considero de extrema importância. Através do Departamento aprendi muitas coisas e sei que, para os alunos, consigo orientá-los quando são ingressantes, apontando os caminhos para suas dúvidas e continuo orientando à medida que se

formam, muitos deles ingressam na pós-graduação. Para a comunidade, no geral, àqueles que procuram por respostas às diversas questões ligadas à educação, diria que atuo como uma ponte no acesso às informações que buscam.



FP: Quais dificuldades você enfrentou durante a atuação na FEUSP?

Solange: O acúmulo de trabalho que se intensificou nos últimos anos e a escassez de funcionários. As dificuldades começaram mesmo a surgir com a saída de funcionários pelo PIDV (Programa de Incentivo à Demissão Voluntária) e a não reposição desses. Ficou bem complicado, pois os trabalhos, em sua maioria, já estavam sendo feitos pelo Sistema USP e foram intensificados. Além disso, o agrupamento das secretarias e o "entra e sai" de pessoas no mesmo ambiente dificultaram em demasia o rendimento do trabalho.

Os departamentos tinham três a quatro funcionários trabalhando, e isso por muito tempo, o que era

muito bom, pois as tarefas eram compartilhadas, e era possível usufruir das férias sem prejuízo a elas, o que não acontece mais hoje. Hoje, as férias são agendadas fora da época de reuniões de conselho e divididas. Em qualquer época que se pense em tirar férias, é complicado... Por estar sozinha em um departamento. Mesmo que uma ajude a outra que está de férias, é impossível fazer toda a tarefa da funcionária que saiu. Seria melhor ter ao menos duas pessoas em cada departamento.

FP: Quais os momentos mais marcantes?

Solange: Muitos foram os momentos. Pessoas da mesma família trabalhavam juntas. Eu trabalhei com a minha mãe, duas irmãs e uma tia, e isso acontecia com outros funcionários também e, talvez por isso, a relação de amizade com todos os funcionários era excepcional. Lembro-me que em 1991 teve uma enchente no meu bairro e minha casa foi alagada e quando souberam do ocorrido, tive muita ajuda dos amigos da faculdade que foram até lá, não apenas prestar solidariedade, mas colocar a mão na massa, de fato, lavando roupas, limpando móveis, enfim, ajudaram muito. Também tinha uma boa relação com os docentes, em virtude da proximidade, por trabalhar no Departamento. O trabalho sempre foi prazeroso e vivíamos sempre em harmonia. O trabalho foi se intensificando e mesmo assim não deixávamos de comemorar o final do ano, com almoços, além de celebrar as festas juninas, aniversários e chás de bebê. Mas não só as festas eram marcantes. Sempre quando tinha um grande evento na unidade, éramos chamados para ajudar em alguma coisa e participávamos da organização com gosto, muitas vezes fora do horário. O trabalho era impecável!

Logo que ingressei na FEUSP me deparei com meu professor de química do ensino médio que estava cursando a licenciatura na FEUSP. Este mesmo professor, tempos depois, prestou concurso e passou a atuar como docente no Departamento em que eu já estava trabalhando.



Terminado o Ensino Médio ingressei no curso superior em uma faculdade particular e minha chefe, na ocasião, quando era época de prova e entrega de trabalho na faculdade, me colocava em sua sala para que eu pudesse estudar e terminar os trabalhos. Até me reunia com os colegas de classe para fazer os trabalhos lá, com a insistência dela. Ela assumia a secretaria do Departamento e era até muito divertido. Porém, em nenhum momento, abusava da boa vontade e confiança dela e dos outros docentes que sempre me ajudaram e apoiaram. Sempre fui colaborativa e me entregava com afinco às tarefas que me eram atribuídas.

FP: E hoje, como é a sua rotina?

Solange: Cansativa. Mesmo porque esse período de pandemia nos fez ficar grudados na tela do computador, com infinitas reuniões. Tudo se resolve por sistema e sozinha em um departamento. E assim, as dificuldades foram aumentando a cada dia, por conta das peculiaridades.

FP: O que você pensa sobre o Brasil?

Solange: Tanta coisa... mas com muito medo. Apesar de tantas coisas boas, energias positivas, lugares maravilhosos, uma beleza exuberante, tantas pessoas boas, o Brasil está decaindo. Meu medo é que as gerações futuras não valorizem este país como deveria ser. Tenho medo que a educação fique para trás.

FP: E o que pensa sobre o passado do Brasil?

Solange: Poderia ter sido diferente... os gestores poderiam ter investido mais na saúde e na educação. Hoje seria diferente.

FP: O que o Brasil tem de bom?

Solange: "Acolhimento" e isso é maravilhoso.

FP: Se você fosse eleita presidente, o que mudaria no país?

Solange: A distribuição de renda e investiria pesado na educação e na saúde.

FP: Como foi para você participar desse questionário, dando sua entrevista?

Solange: Gostoso relembrar momentos vividos na FEUSP.

FP: Solange, foi muito bom conhecer mais sobre você e o seu trabalho! Estamos muito agradecidos por tudo o que você tem feito por nós ao longo de todos esses anos de trabalho na FEUSP! Parabéns pela linda trajetória!



MINHA PLAYLIST PERFEITA

TOCANDO EM FRENTE;

FASCINAÇÃO;

ÁGUAS DE MARÇO;

PRÁ VOCÊ GARDEI O AMOR;

EPITÁFIO;

SUTILMENTE.

FIQUE DE OLHO

A nobre escolha de cursar uma Licenciatura e dedicar sua vida à educação de outras pessoas por si só já é uma difícil escolha, com muitas pedras no caminho, mas também com muitas esperanças. Ao iniciar a graduação, nos deparamos com vastas possibilidades de educação e que muitas vezes ficam escondidas por trás da educação escolar convencional. Por isso, nesta edição, a seção “Fique de Olho!” se propõe a apresentar materiais audiovisuais, projetos e eventos educacionais que possam difundir outros modos de Educação e proporcionar reflexões sobre a carreira docente para além dos muros da escola, ressaltando a importância das lutas sociais coletivas vinculadas ao direito à educação.

PODCASTS

em movimentos

O podcast “em movimentos” que nasceu em meio a uma pandemia sofreu transformações com o transcorrer do ano de 2020. Essas mudanças se devem à observação da forte presença de assuntos e práticas sociais que tomaram nosso cotidiano. A presença de ações de cunho político solidário delineadas em coletivos formados por grupos situados especialmente nas periferias da cidade muito instigou a curiosidade pelo peso e força que os compõem neste momento histórico. Eles são muitos e estão esparramados em diferentes regiões. O termo “coletivos” expõe diferentes modos de organização social, em especial de grupos periféricos nas grandes cidades, e vão mostrando a construção de vínculos em meio à tragédia, vínculos esses que ganham dimensões amplas e profundas provocando a existência de outras relações com mais horizontalidade que forjam outras visões de mundo – em que convivem a multiplicidade de pensamentos – e de organizações política e social. A escolha pelos coletivos se deu por compreendê-los como elementos fundamentais para entendermos diferentes ações políticas na cidade em suas periferias. Provoca a pensar e projetar futuros.

Observando isso e interessadas em aprender com esses grupos comunais e coletivos foi criado o “coletivos em movimentos” como desdobramento do podcast “em movimentos”. São registros de ações políticas e solidárias e vozes a partir das quais podemos vislumbrar reflexões e, quem sabe, com a perspectiva de mulheres e crianças podemos encontrar saídas para essa desigual forma de viver. Vamos ouvir e multiplicar boas ideias?

- Podcast 03 | Coletivos pulsam no fundo da ZL: alguém na escuta?
- Podcast 07 | Mulheres do GAU e o plantio comum.
- Podcast 12 | A criança humaniza a cidade.
- Podcast 15 | A efervescência poética do sarau da Cooperifa.

Disponível em
<https://www.youtube.com/channel/UCJEAFS2mC4HweLjx_oGDzdg>



em movimentos

O "em movimentos", podcast produzido pelo grupo de estudos e pesquisas Crianças, práticas urbanas, gênero e imagem, coordenado por Márcia Gobbi, professora da FE-USP, nasceu em meio à pandemia da Covid-19. O surgimento dessa doença aprofundou históricas desigualdades sociais.

SAIBA MAIS

sugestões de episódios

Podcast 03 | Luta pela terra e outras lutas.

Podcast 08 | Mulheres em luta, mulheres na luta.

Podcast 09 | As crianças valem mais que um ano letivo, muito mais!

Podcast 14 | Comida & Arte.

Podcast 15 | Registros do que não foi escrito.

Podcast 16 | Habitar a cidade, mas em quais condições?

Podcast 17 | Crianças na cidade e a de construirmos outros tempos.

Podcast 18 | Grafite e pandemia.

Podcast 19 | Infâncias e memórias.

Podcast 22 | Luto, luta e sonho: verbo em vida.

Podcast 23 | Migração e infância na cidade.

Podcast 28 | Crianças de axé!

Podcast 29 | Movimentos sociais em defesa da Educação Infantil.

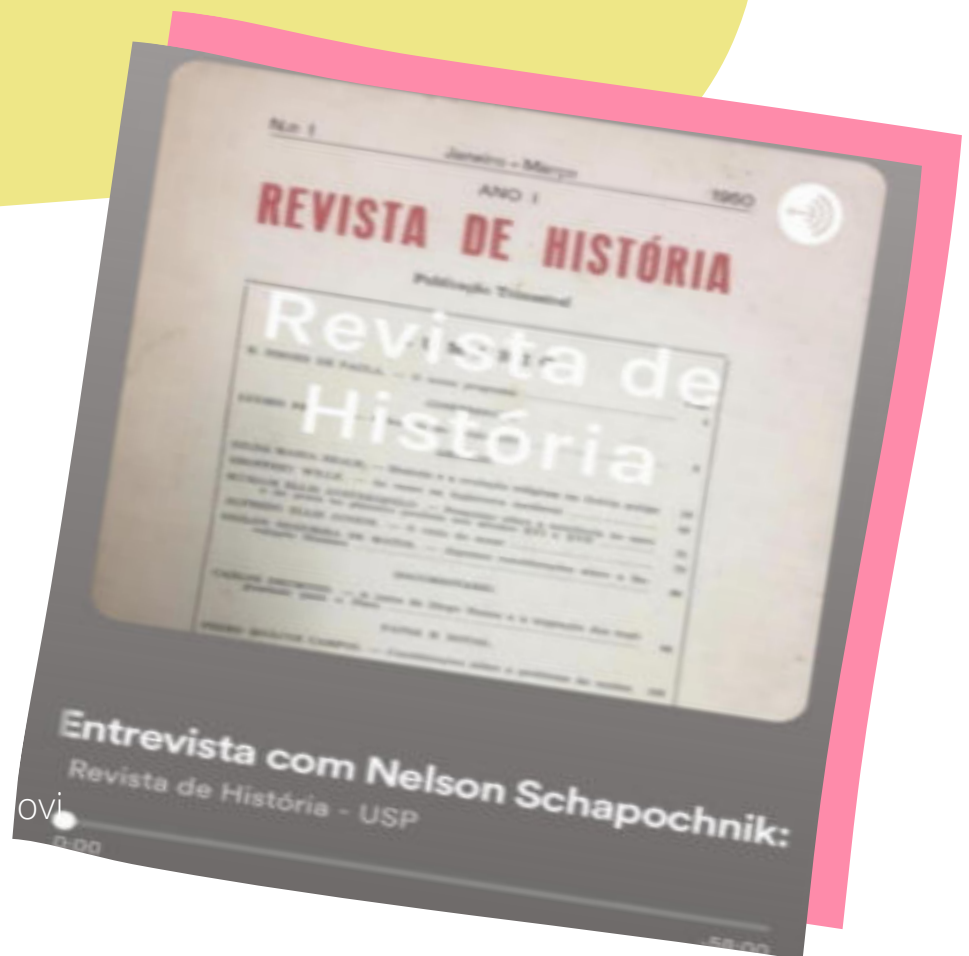
Podcast 35 | Ditadura e Infância.

Disponível em
<<https://www.youtube.com/c/emmovimentos/videos>>

Música e liberdade: uma história (sonora) dos Direitos Civis

Júlio Pimentel entrevista Nelson Schapochnik, professor na Faculdade de Educação da USP, discute música, história e ensino de história e explora as relações entre religião, política, cultura, autonomia e consciência no processo de afirmação dos Direitos Civis nos Estados Unidos.

Esse podcast é o áudio da entrevista realizada na quarta live da Revista de História da USP, no dia 28 de maio de 2020, durante a quarentena. A entrevista completa, com imagens, está disponível no canal da Revista no YouTube <https://www.youtube.com/watch?v=R_n5tccN8ns> e no IGTV do Instagram (@revistahistoriausp).



PROJETOS E PESQUISA

Ocupacriança

O projeto de pesquisa Imagens de São Paulo: moradia e luta em regiões centrais e periféricas da cidade a partir de representações imagéticas criadas por crianças moradoras de ocupações ancorado junto ao grupo de pesquisas "Crianças, práticas urbanas, gênero e imagens", coordenado pela professora Marcia Gobbi (FE-USP), se desdobrou em várias questões, curiosidades, estudos e outras pesquisas que se encontram no site <<https://entrimagens.com.br/ocupacrianca/>>. Acesso em 14/07/2021.

O OcupaCriança é derivado deste projeto e tem como um de seus principais objetivos conhecer com crianças, desde bebês, os modos de viver e lutar por moradia dentro de ocupações de edifícios e terrenos que não cumprem sua função social situados no município de São Paulo. Buscou-se conhecer como as crianças vivem e representam o viver nesses espaços da cidade e como é construída a infância em lutas pelo direito à habitação e à cidade. Como recursos metodológicos para a pesquisa foram usadas fotografias e desenhos compreendidos como



agentes capazes de evidenciar e provocar reflexões e mudanças. Foi incluído parte do acervo de fotografias resultantes da pesquisa com o desejo de que elas possam contribuir com reflexões sobre a infância, provocando diálogos e, quem sabe, mais questionamentos e outras pesquisas.

todesnafoto



O que se sabe sobre as infâncias brasileiras? O que se sabe sobre as crianças moradoras em assentamentos rurais? O que se sabe sobre crianças e movimentos sociais?

Como o cotidiano em luta por terra é representado pelas crianças? Podemos definir a luta diária pelas e com as crianças? Esta coleção de fotografias deriva da pesquisa

"Ser menina e ser menino no assentamento do MST: o que as crianças registram em suas máquinas fotográficas?", que contou com auxílio financeiro do CNPq, foi realizada junto a meninas e meninos moradores do Assentamento Dom Tomás Balduino do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, situado no Estado de São Paulo, e apresenta fotografias criadas pelas crianças. Caminhar é ato de criação. Nesta coleção são apresentadas fotografias de caminhadas com crianças moradoras de ocupações de edifícios e visitas a alguns espaços que se alteram com suas presenças. Há também o registro de oficinas de desenho e pintura realizadas nas Ocupações Mauá, Prestes Maia e Ipiranga.

As fotos do projeto sobre o assentamento pelas crianças estão disponíveis em <https://entrimagens.com.br/todesnafoto/>. Acesso em: 14/07/2021.

EVENTOS

A Pedagogia Hip-Hop na prática: formas, projetos e modos de como relacionar o Hip-Hop, a arte popular com o ambiente escolar

Considerando o capítulo 5 intitulado “Proposta de uma Educação para jovens negros periféricos” do livro “A Pedagogia Hip-Hop: consciência, resistência e saberes em luta”, de Cristiane Dias, pretende-se apontar o “Hip-Hop como uma forma de (re)educação das nossas relações étnico-raciais e como um novo devir na construção de uma educação justa e emancipatória para a juventude negra e periférica” (DIAS, 2019), devido ao valor educacional inerente da cultura Hip-Hop. Para isso, foram convidados os artistas e pesquisadores Daniel Garnet, Mestre Pê e Cristiane Correia Dias a essa oficina durante a Semana de Educação da FEUSP em 2020.

Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ERt45Y_qhWs>.

Acesso em 14/07/2021.

Educação de trabalhadores: uma perspectiva da colocação dos trabalhadores na educação.

Esse minicurso visa examinar, em perspectiva sócio-histórica, as origens e desenvolvimento da denominada instrução popular no Brasil, e mais especificamente, no estado de São Paulo. Interessa discutir as políticas públicas de educação destinadas a jovens e adultos trabalhadores a partir dos primeiros governos republicanos até a atualidade, problematizando as relações entre mudança social e mudanças educacionais, a presença ou ausência dos trabalhadores nesse processo. Ministrado por Carmen Sylvia Vidigal Moraes e mediado por Simone Maria Magalhães no âmbito da Semana da Educação FEUSP 2020.

Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=vmn2Zg073tQ>>.

Acesso em: 14/07/2021.

Educação Hospitalar: busca por direitos e os desafios educacionais no contexto do hospital.

Com os objetivos de apresentar como é o cotidiano da educação hospitalar, bem como discutir como ocorre a formação de profissionais que atuam nessa área e ainda, como são as demandas e urgências dessa área educacional, tão importante e pouco conhecida, foi elaborada a mesa de debates sobre Educação Hospitalar na Semana de Educação da FEUSP 2020. Com participação de Sirlândia Reis de Oliveira Teixeira e Zilmene Santana Souza e mediada por Mariana Silva Evangelista, a *live* está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KnkdilH7WIA>>.

Acesso em 14/07/2021.

Culturas corporais e científicas expressas nos brinquedos e brincadeiras

Museu da Educação e do Brinquedo

Mesa Redonda

Culturas corporais e científicas expressas nos brinquedos e brincadeiras

Participantes
Profa. Dra. Ermelinda Moitinho Pataca
Profa. Dra. Soraia Chung Saura

Mediação
Profa. Dra. Martha Marandino

Lançamento do canal
DO YOUTUBE DO MEB

17/05 18H

FEUSP

19ª SEMANA NACIONAL DE MUSEUS | O FUTURO DOS MUSEUS: RECUPERAR E REIMAGINAR | **ibram**

O Museu da Educação e do Brinquedo (MEB), no lançamento do canal do YouTube do MEB e em celebração da 19ª Semana Nacional de Museus do IBRAM, apresenta a mesa redonda sobre “Culturas corporais e científicas expressas nos brinquedos e brincadeiras”. A mesa será mediada pela Profa. Dra. Martha Marandino com participação de Profa. Dra. Ermelinda Moitinho Pataca e Profa. Dra. Soraia Chung Saura, no dia 17/05 às 18h mas ficará salva no canal.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KNtkK42VN1g>>. Acesso em 14/07/2021.

Além disso, o MEB está de volta nas redes sociais!

No Instagram: @meb_feusp

No Facebook: MEBFEUSP

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vmn2Zg073tQ>>. Acesso em 14/07/2021.

PARTICIPE,

A REVISTA

É SUA!

Nosso e-mail é
revista.futuro.preterito@gmail.com